

Carlos Augusto Pereira dos Santos
Petrília Paulinni Sales Fialho

O TERRA E MAR

Roteiros históricos e sentimentais de Camocim
na obra de Carlos Cardeal



PREFEITURA DE
CAMOCIM
Secretaria de Educação

Camocim-CE
2019



O Terra e Mar: roteiros históricos e sentimentais de Camocim na obra de Carlos Cardeal
© 2019 Copyright by Carlos Augusto Pereira dos Santos, Petrólia Paulinni Sales Fialho
Impresso no Brasil/Printed in Brasil.
Efetuado depósito legal na Biblioteca Nacional.



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1328
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222 / 9 9846.8222
contato@editorasertaocult.com
sertaocult@gmail.com / mammarco@gmail.com
Site: <https://editorasertaocult.com/>

Conselho Editorial

Francisco Dênis Melo
Geranilde Costa e Silva
Gilberto Gilvan Souza Oliveira
João Batista Teófilo Silva
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros
Valeria Aparecida Alves
Raimundo Alves de Araújo
Antonio Jerfson Lins de Freitas
Telma Bessa Sales

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Revisão

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Foto da Contracapa

Quadro de Amélia Campos. Óleo sobre tela

Digitação originais da 2ª edição

Jéssica Melo Guarino

Catálogo na publicação

Leolgh Lima da Silva – CRR3/967

SUMÁRIO

O Terra e Mar: uma história do profano em Camocim-CE. (1940-1980) / 05
Petrília Paulinni Sales Fialho

Roteiros sentimentais de Camocim no romance “O Terra e Mar” / 37
Carlos Augusto Pereira dos Santos

*O Terra e Mar: uma história do profano em Camocim-CE (1940-1980)*¹

Petrília Paulinni Pereira Sales Fialholho

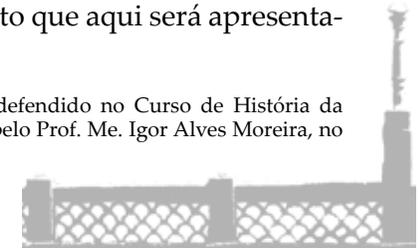
Introdução

Por observar a exclusão dada à questão feminina, principalmente relacionada ao trabalho pelo uso do corpo, que teve início a ideia de pesquisar sobre a prostituição como forma de trabalho, meio de liberdade e fortalecedora potencial do comércio e crescimento do município Camocim-Ceará. Conforme Gabriela Silva Leite, a prostituição só aparece como álbum de degradação, marca da imoralidade e da quebra da dignidade, o que faz com que os meios de expressão em massa pouco divulguem a vida, as regras, as brigas, as conquistas e as derrotas das chamadas zonas de baixo meretrício.

Cientificamente, não há comprovação nenhuma de que a mulher seja prostituta porque está em seu gene. Ela o é por que quer, ou porque não teve opção. O corpo talvez grite para que o liberte do estado de entorpecimento que se encontra mediante o caráter muitas vezes repressor que a sociedade tem quando se trata do sexo feminino, contudo, é justamente aí que surge uma questão de ordem e controle social, onde a mulher, pela falta de espaço e poder, grita como pode para obter espaço.

Utilizando teóricos que se preocupam com a questão da história de uma sociedade que está longe de ser perfeita, como há quem queira afirmar, melhor, observando que talvez a perfeição resida justamente nas diferenças dessa sociedade, é que por vezes o texto que aqui será apresenta-

¹ Título homônimo do Trabalho de Conclusão de Curso defendido no Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, orientado pelo Prof. Me. Igor Alves Moreira, no ano de 2011.



do concordará, mas acrescentará ideias em obras como a de Laure Adler, quando esta escreve em partes o significado de um bordel:

O bordel, segundo seus comentaristas e usuários, ao mesmo tempo, esgoto seminal, fábrica de arrependimentos, refugio de perversões, receptáculo de carícias, refúgio da inocência, instituição filantrópica de caridade insubstituível, inferno de vícios, reservatório de paixões funestas, coletor e conservador de doenças².

Pensar um prostíbulo como um cano que desce a parte suja, mas que solta seu mau cheiro pelo ralo, fazendo subir por ele a sujeira da perdição, é muito fácil, na verdade, é mais prático que aceitar a existência, desde outrora, desses ambientes que aliviam ferozmente as vontades muitas vezes reprimidas de boa parte da sociedade e fazem-se necessários tanto para as questões íntimas – sexuais, como para o crescimento do comércio e o enriquecimento dos que se ligam diretamente ou não à prostituição. Até mesmo muitos os que se impõem contra o ofício da marginalização do corpo, fazem uso dos seus lucros.

Gabriela Silva Leite nos alerta:

A prostituição é encarada na sociedade ocidental pelos padrões da cultura judaico-cristã. Embora já existisse bem antes, tendo sido vivida de outras formas, inclusive com funções sagradas em várias culturas, sobreviveu aos apedrejamentos do moralismo judaico e fariseu, e está aí, vivinha, fazendo sua parte nesse intrincado relacionamento social³.

Os anos realmente passam e as coisas relacionadas à prostituição pouco se modificam, continua a imagem da vagabundagem, da falta de vergonha e do prejuízo social que decorrem da existência de profissionais de área tão torpe.

É justamente entendendo que a prostituta é um crime necessário e que através da falta de aprovação da existência dela por tanta gente e em tantos lugares, esse trabalho tende a ser desenvolvido, na busca de compreender os malefícios e benefícios que “a mais antiga das profissões” permite existir.

2 ADLER, Laure. **Os bordéis franceses**. 1830-1930. São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1991. p. 45.

3 ADLER, Laure. **Os bordéis franceses**. 1830-1930. São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1991. p. 172.

O presente texto tem por objetivo principal discutir, através da história oral e das memórias das ex-profissionais do sexo, um período marcante, porém, pouco falado da história da cidade de Camocim. Talvez se transforme em preconceito a discussão aqui abordada. Contudo, percebo uma necessidade mais que gritante de reconhecer esse passado, como algo intrínseco da formação do município de Camocim.

As razões pelas quais a história considerada profana é sempre encoberta por grande parte da sociedade é algo que será analisado também nesses escritos. É bem questionável por que após tantos séculos o papel da mulher ainda é de coadjuvante na história dos homens (no caso, o sexo masculino mesmo).

As vantagens e desvantagens do ofício da prostituição no Terra e Mar serão reproduzidas pelas falas daquelas que viveram nesse ramo, os questionamentos, os entendimentos existirão por meio da fundamentação teórica que será feita e incluída nesse trabalho, assim como as reflexões e as produções que apareceram a partir de pesquisa e escrita. De acordo com Pesavento (2005, p. 51), “[...] a História estabelece regimes de verdade, e não certezas absolutas.[...] tudo o que foi poderá vir a ser contado de outra forma[...]”. É pensando dessa maneira que esse texto propõe uma análise, não uma inexorável certeza de que tudo aqui falado é imutável. Pois para o trabalho do historiador fica a obrigação de não dar certezas, mas apresentar a versão mais próxima do que se pode chamar de verdade.

Para as grandes cidades, o prostíbulo existe de uma maneira que se possa considerar menos visível, grandes bairros, muitas casas, muita gente encobrem a “parte destinada à perversão”, entretanto, em uma cidade pequena como Camocim, em pleno século XX, um espaço tão afamado e sempre frequentado como o Terra e Mar já dava certeza de conflitos e de negações. Os conflitos, veremos que se apresentarão claramente ou disfarçadamente pelas medidas de limpeza do espaço público ou das “doutrinas familiares” de isolamento com o povo degradante que compunha o clube discutido. O clube, que por mais de cinquenta anos, com revezamento de profissionais, abalava *mui* fortemente os pilares sociais da pequena sociedade que se mantinha por linhas férreas, pelo mar e pelo prostíbulo.

Ainda utilizando o texto de Leite (1992, p. 151), “o universo social é diverso, e é bom viver a diversidade. A gente cresce muito quando reconhece e respeita o outro.” Questionaremos os fatores que contribuíam para a existência de grande procura pela “marginália”, sim, porque através

da fala das ex-trabalhadoras do Terra e Mar percebemos que não faltava quem viesse à procura de espaço dentro dele, fosse para trabalhar, fosse para ter liberdade. Em uma das entrevistas feitas, uma “ex-dama da noite” afirmou ter optado por sair da casa de sua família, que era triste e pobre demais, para buscar alegria e beleza no cabaré mais famoso da região, na verdade, o termo cabaré é pouco utilizado pelas ex-profissionais, que preferem a palavra clube.

Apresentar as memórias de mulheres que viveram no Terra e Mar será o meio mais viável para delinear as condições sociais e os rigores daquele período (1940-1980), construindo, ou mesmo refazendo, um passado de inglorias para uns e de exaltação para outros, será estabelecida aqui uma tentativa mais que esporádica de unir as lembranças verdadeiras ou maquiadas de gente que se dispôs a ajudar.

Uma viagem pelo mundo do mar através dos navios que serão citados como o mecanismo mais forte do comércio do corpo em Camocim, pois era através dos tripulantes que a maior parte da economia se fazia no clube. Também passará pela estrada de ferro parte dos clientes que citaremos, não esquecendo os consumidores locais que quantificavam também as visitas, principalmente noturnas.

Assim como escreveu Leite (1992, p. 170), “qual é o campo da prostituta? É o desejo, eu disse há pouco. Da fantasia do sonho do mistério.” E será através de questões como esta que a pesquisa e a produção deste texto se norteará.

Na primeira parte, a discussão será em torno de três pontos principais: a situação da mulher mediante o seu papel social e as mudanças que ela promoveu e promove quando manifesta-se através da negação de ser apenas a dona do lar e esposa perfeita; a união da literatura com a ciência da história para a construção de uma história que se preocupa com as questões marginalizadas, fazendo uso de textos de Nicolau Sevcenko e apropriando do livro Terra e Mar, de Carlos Cardeal, para estabelecer uma relação de real e imaginário; reconhecimento de um espaço real e vivo, ainda que disfarçado da história cultural, social e econômica de Camocim.

Na segunda parte da pesquisa, os questionamentos partirão das entrevistas concedidas por ex-profissionais do clube, que inicialmente ficaram receosas de responder sobre o assunto, mas que depois se dispuseram com toda boa vontade. Fazendo valer esse trabalho por meio de fontes orais, já que as imagens que surgiram serão complementos da discussão aqui feita. A oralidade delas, unida às memórias nostálgicas que demons-

traram sentir, abrirá um leque de discussões sobre o papel da prostituição para a mulher. Ainda na segunda parte, existirá uma tentativa de remeter o leitor à situação econômica, social e cultural do povo daquele lugar.

Análise historiográfica do comportamento da mulher e a relação com a prostituição

O lugar das mulheres no espaço público sempre foi problemático, pelo menos no mundo ocidental, o qual desde a Grécia Antiga, pensa mais energicamente a cidadania e constrói a política como o coração da decisão e do poder. “Uma mulher em público está sempre deslocada”, diz Pitágoras. Prende-se a percepção da mulher uma ideia de desordem selvagem, instintiva, mais sensível do que racional, ela incomoda e ameaça. A mulher noturna, mais ou menos feiticeira, desencadeia as forças irreprimíveis do desejo. Eva eterna, a mulher desafia a ordem de Deus, a ordem do mundo⁴.

Os estudos históricos, até um período não muito distante, pouco se relacionavam com a questão feminina, a mulher como ser participante do contexto histórico-social de toda a vida humana. Entretanto, o tema “mulher” deixa de ser irrelevante a partir do momento que estudiosos atentaram para a participação, talvez não ativa, mas efetiva dela enquanto ser histórico.

A busca e a análise de aspectos sociais que se referem à questão étnica, opção religiosa, classe social e procedimentos comuns à maior parte ou não, começaram a ter espaço junto, inicialmente, às temáticas discutidas em trabalhos acadêmicos, que foram colaborando para que a “mulher” até então “inexplorada” viesse a ser objeto de estudo de “importantes” nomes da pesquisa histórica, dando também a possibilidade da apresentação de obras essenciais ao conhecimento de todos aqueles que se preocupam com a História enquanto ciência dos homens.

A beleza, sensibilidade, sensualidade e o mistério que o corpo feminino representa naturalmente, foi motivo para que sua participação na sociedade, ou pelos menos nas discussões escritas, limitasse-se a letras reduzidas, a simples nomes citados esporadicamente. O julgamento de que a mulher dispunha de inteligência e capacidades inferiores, portanto, deveriam ser submissos àqueles dotados de toda sumidade, como é o

4 PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. São Paulo: EdUNESP, 1998. p. 08.

caso dos homens, permaneceu durante uma vida longa. Era melhor obscurecê-la, torná-la dispensável à participação da vida sociocultural, que dar-lhe abertura e conceder-lhe a capacidade de falar e participar da vida e do cotidiano que só os homens podiam.

A obscuridade da mulher diante da sociedade e sua ocultação na participação de atividades políticas, sociais, econômicas e culturais, dentre outras, devia-se, porém, a critérios definidos pelo corpo social do qual “participava”.

Segundo Do Vale, “a mulher ao nascer já vinha com o destino traçado por sua família e pela sociedade que lhe impunham posturas, comportamentos, atitudes e até pensamentos e que elas tinham que absorver esses dogmas...”, Ou seja, a função da mulher começava e terminava em casa. Valores, anseios, perspectivas e realizações fechavam-se às suas vontades e limitavam-se ao poder da família, que era sem dúvida a definidora de como ela procederia a partir do momento de seu nascimento. Sujeita a essas ideias, o que restava às mulheres era a convivência e a “passividade” diante dessas “ordens impostas”.

Além da fala poderosa que o berço familiar dispunha, a Igreja envolvia-se diretamente com a questão do comportamento da mulher na sociedade. Assuntos de caráter natural, comuns à vida humana e necessários a discussões sobre o contexto social, eram terminantemente proibidos pela família e sobretudo pela Igreja. A liberdade de pensamento, a opção sexual, a recusa de dogmas jogados ao social pela Igreja, principalmente, impunham julgamentos pesados e inexoráveis aos que promovessem a discordância das práticas já definidas para uma “mulher de vergonha”.

O cuidado com o lar, a preocupação com afazeres domésticos, a proteção e a atenção aos filhos e marido era tarefa atribuída às mulheres. Elas deveriam restringir-se à condição de dona do lar, receptora das regras já criadas e já implantadas à sua condição, principalmente no período colonial brasileiro, onde seu poder fechava-se à casa de habitação. “No período que vai do século XVII e XVIII a mulher se realizou maternalmente (a realização do gênero feminino era exclusivamente a maternidade). A mulher era a única responsável pelo nascimento, saúde, educação, enfim, todas as fases do filho⁵.”

5 FELIX, Ana Cristina Costa. **Mulher**: Submissão, Socialização e Higienização. Sobral, 1910-1920. Monografia de Graduação, Licenciatura em História. Universidade Estadual Vale do Acaraú, 2003. p. 16.

A sexualidade era ainda mais reprimida com referência à mulher. Desejos, prazeres e sensações não poderiam fazer parte dos pensamentos de uma “mulher honrada”. O sexo deveria ser unicamente anexado ao sentido da multiplicação dos seres, no caso do ser humano.

Fernandes Freire Costa escreve o seguinte:

O catolicismo condenava, em primeiro lugar, a sexualidade autônoma, rebelde, que se recusava a obedecer ao princípio da procriação. Como onanismo, a sodomia etc. Em segundo lugar, a sexualidade fora do casamento, que pretendia gozar de liberdade sem responsabilidade. Como no caso do adultério. Em terceiro lugar, a sexualidade que, embora legal, fosse excessiva. Que incorresse não só na infração do prazer gratuito, sem reprodução, mas também no excesso de devoção amorosa ao cônjuge⁶.

Como qualidades estabelecidas à mulher, era de seu encargo a função de senhora, límpida, honrada, imaculada, assim como todos os termos que se possam ligar como sinônimos de “mulher honesta”. Diante da falta de condições para o seu aparecimento como integrante de fato do meio onde vivia, ela conformava-se com o poder da maternidade, subjugando seus desejos, aceitando o ato de procriar como jeito de resignar-se diante da impossibilidade de ser mulher e ser importante do ponto de vista natural em uma sociedade. O direito era de assumir-se apenas como mulher do lar, dona de sua casa (seu reino) e zelosa por seus filhos.

Com o surgimento das reuniões à noite, que aconteciam como momentos festivos e se ligavam aos acontecimentos sociais do tipo jantares, concertos musicais e festas bailes, as portas antes fechadas abriram-se e deram condições para que essas mulheres, até então “subjugadas”, observassem e participassem, ainda que timidamente, da vida social que anteriormente só era permitida aos homens. É possível que tal participação delas nas atividades tenha colaborado para as escolhas que algumas delas possam ter feito diante da vida que preferiam mediante a que lhes impunham.

Na década de noventa do século XX, novos olhares sobre a questão feminina no Brasil possibilitaram compreender a sua atuação a partir do conceito de gênero. Das relações entre homens e mulheres na construção social.

6 COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1993. p. 227.

Uma das condições mais reprimidas na mulher ligava-se à sua libido. Além da falta de necessidade dela apresentada no âmbito social que ultrapassasse as barreiras da submissão intelectual e cultural colocadas pelos homens, seus instintos libidinosos eram castrados. Entretanto, como já citado, a tímida entrada da mulher no espaço social deu abertura para que ela começasse a analisar e compreender o que e como realmente estava sendo a sua vida e de que forma gostaria que fosse. “A não amamentação, a prática do aborto, a contestação do papel da esposa, mãe, dona-de-casa podem ser pensadas como sinais de outro tipo de resistência social das mulheres”⁷.

A recusa das normas já apregoadas foi ponto importante no crescimento da prostituição, assim como fatores socioeconômicos que contribuíam também para a “difusão” desse “mercado”.

O sexo tornou-se de certa forma a demonstração das inquietudes que as mulheres passavam por conta de sua condição de submissa. O uso do corpo como forma de protestar as repressões também era efetivado para aquietar prazeres e realizar desejos. Mulheres e homens tinham a necessidade de transpor os limites colocados ao contato físico. É claro que “mulheres à toa” jamais serão “mulheres de honra”. Suas participações na sociedade seriam turva e rápida, fugaz como a visita de homens em ambiente de prostituição.

A construção da prostituição como um fantasma atingia alguns alvos estratégicos precisos: instituía as fronteiras simbólicas que não deveriam ser ultrapassadas pelas marcas respeitáveis, ao mesmo tempo em que organizava as relações sexuais num espaço geográfico da cidade especialmente destinado a evasão aos encontros amorosos, à vida boêmia⁸⁹⁷.

Observando o texto de Margareth Rago, pode-se notar a classificação e o sentido dado às mulheres que trabalhavam no comércio do corpo. Quem sabe, estas em alguns momentos fossem consideradas necessárias para “o amadurecimento do homem”, dando assim a condição de dividir o “sexo-respeitável-familiar” entre as pessoas que mantinham compromisso, ou apenas disfarçavam melhor seus

7 RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar. Brasil, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 74.

8 RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 41.

9 ?

atos e o “sexo imoral” que acontecia fora de casa com as mulheres fáceis, que faziam por prazer e por dinheiro.

A prostituição era algo silenciado. Ainda que maridos, filhos, amigos frequentassem esse tipo de ambiente, o discurso sobre tal tema era proibido. Na verdade, em pleno século XXI, assuntos referentes à sexualidade ainda são evitados e abominados por muitas pessoas. Trabalhar com esse tipo de questão requer cuidado e paciência. Nem todos querem falar. Os que falam sentem-se de alguma forma reprimidos e amedrontam-se ao cogitar a possibilidade de seu discurso transparecer apoio a essas manifestações de discordâncias da opinião da grande maioria sobre o que e quem é uma “boa mulher”. Margareth Rago enfatiza a situação da prostituta na citação seguinte: “Simultaneamente vendedora e mercadoria ela simbolizava aquilo que se via como degradação: uma sociedade onde as relações sociais são mediadas pelo equivalente geral, o dinheiro”¹⁰⁸.

A mulher prostituta “nada mais era” que um objeto de comercialização; mercadoria que fornecia ao seu consumidor o seu corpo. O homem pagava pelo objeto e recebia a satisfação que tal deveria promover através das práticas que só “mulheres livres”, do ponto de vista das regras sociais e religiosas, poderiam exercer. Era nos bordéis, junto às prostitutas, que homens se refestelavam, dando vazão às vontades reprimidas pelos pudores inventados e obrigados a cumprimento por famílias de “nobre controle moral e religioso”.

O “aparecimento” menos implícito dos cabarés na sociedade trouxe grandes mudanças. Talvez estas fossem consideradas degradantes à “boa família”, no entanto, para as pessoas que lá trabalhavam, nem sempre suas funções eram encaradas como declínio moral e social. Desejos e prazeres faziam-se valer no trabalho das mulheres cortesãs. O dinheiro, os presentes e o contato com outras pessoas também tinham sua contribuição para a existência do mercado do sexo.

A batalha contra a existência da prostituição e seu fortalecimento, segundo Laure Adler, foi ativa:

10 ?

No decorrer de todo o século XIX e até 1920, o exército de moralistas não para de se preocupar com prostituição, escrevendo longos tratados, conquistando a opinião pública, fazendo enquetes, apelando às autoridades jurídicas e políticas para que o mal não cresça e os costumes não se depravam: dessa campanha de saneamento participam, ativamente, em conjunto, principalmente médicos, ideólogos, fisiologistas e alguns escritores¹¹.

Como se pode analisar nessa citação, a mobilização de efeito contrário à prostituição foi vinculada em vários discursos, de diferentes pontos, com o apoio de diversas categorias, que apesar de serem formadas por supostos intelectuais contrapunham-se à realidade que participavam; articulando e criando barreiras para aquilo que na realidade também era e ainda é um fator de ordem social e cultural: a prostituição.

A contrariedade ao uso do corpo como ferramenta de trabalho passa por séculos até a contemporaneidade. Ainda coloca-se como auto-destruição moral e social apropriar-se da condição de mulher (no caso, sensual, instintiva e assente) para tomar espaço e criar mecanismos para o “envenenamento e morte” da moralidade julgada necessária numa sociedade. Não bastando a negação já corriqueira do corpo social ao qual pertencem as mulheres de ofício sexual, elas ainda tiveram que resistir às manifestações para a higienização do lugar onde viviam. Sim, a limpeza que se propunha e acontecia por meios menos visíveis, apresentava-se como purificação social; a prostituição era uma doença grave, contagiosa e degenerativa. Contaminava a sociedade atingindo alvos morais, destruía os pilares da vergonha e acabava por eliminar a dignidade de toda a gente que se envolvesse com esse mal. A necessidade de exterminá-la era determinante para a saúde de todo o povo moralista e digno.

Para Gabriela Silva Leite: “Há muitas formas de ver a vida e outras de resolver as questões. Existem muitas diferenças e temos que viver com isso, sem o autoritarismo da imposição ideológica”¹². Seria interessante as pessoas aceitarem, se não entendem, que cada um dos seres humanos (essencialmente) carrega consigo, antes de tudo, aspirações que não são obrigatoriamente criadas e desenvolvidas igualmente em todos. As diferenças sempre foram mal encaradas por aqueles acometidos de devaneios justificados para a construção e perpetuação de uma sociedade perfeita,

11 ADLER: Lauro. *Os bordéis franceses*. 1830-1930. São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1991, p. 42.

12 LEITE, Gabriela Silva. *Eu, mulher da vida*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992, p. 155.

sobretudo discriminatória, hierárquica, principalmente do ponto de vista sexual. Julgam-se justos ao colocar em situação de inferioridade o sexo feminino, tentam neutralizar a consciência (feminina notavelmente) e instituir como legítimo a primazia masculina.

Pesquisas, discussões, memórias e textos são armas que podem romper com os paradigmas do preconceito. O exaustivo questionar pode dar condições para a compreensão do sentido que cada ser possa ter ao fazer o que quer, pode ou apenas gosta. O papel da mulher não se restringiu e nem se restringirá a coadjuvante de uma história que ela viveu. Desenvolver meios para legitimar isso é função, não só de estudiosos, mas de qualquer cidadão inteligente.

Historiografia, literatura, e prostituição: analisando “O Terra e Mar”

O estudo da literatura conduzido no interior de uma pesquisa historiográfica, todavia, preenche-se de significados muito peculiares. Se a literatura moderna é uma fronteira extrema do discurso e o prosaísmo dos desajustados, mais do que o testemunho da sociedade deve trazer em si a revelação dos focos mais candentes de tensão e mágoa dos aflitos¹³.

Como é sabido, a discussão a respeito da mulher já foi uma barreira quase que intransponível, mediante as consequências que se enfrentava ao ultrapassar esses bloqueios instituídos pelo corpo social. Deixando de lado o silêncio humano das causas socioeconômicas e culturais acontecidas com a participação das mulheres, veio a apresentação de questões importantes sobre a vida marginalizada (pelo menos assim foi definida) ou não, do sexo instituído de frágil, contudo, tão forte, capaz de fundar medos e defesas ante o seu desenvolvimento.

Se discutir historicamente a representação e inclusão feminina na sociedade, levando em consideração que o seu caráter era apenas o de poder estar ao lado do homem em atividades consideradas normais e morais à comunidade, foi entendido como erro. Desvencilhar a história da prostituição, colocando em foco e articulando com ela os fatores possivelmente

13 SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 20.

contribuintes ou não dessa opção ou sujeição, é aprovar e contribuir de alguma forma para o fortalecimento desse “meio de perdição”. Ou seja, aquele que abria espaço para a análise e discussão dos caminhos e resultados da profanação, era louco ou estava assumindo um papel de desarticulador das normas do “bom viver”.

A função da História deve ser entendida como uma das muitas formas de se apresentar uma memória, um acontecimento ou um simples momento, de um jeito a compreender que motivos e cooperações existiram de um modo ou de outro para a existência de manifestações, de silêncios e de gritos. Entretanto, a História busca através de documentos escritos ou não, contudo existentes, rememorar, articular e mostrar criticamente como participa o homem de tudo isso.

Fazendo diferente, mas agindo com as mesmas intenções de levantar questionamentos sobre a vida humana, a Literatura apodera-se da condição de ciência e infiltra-se positivamente nas questões socioculturais e econômicas a partir do seu ponto norteador: a ficção. É através dela que muitas vezes a imaginação poética intercala com a mente realista-histórica e levanta através da imaginação, da possibilidade, questionamentos intrínsecos da nossa vida humano-social. “Ocupa-se, portanto, o historiador da realidade, enquanto que o escritor é atraído pela possibilidade”¹⁴. A escrita literária caracteriza-se pela criação de ideias, personagens, acontecimentos, talvez desvinculados da realidade, mas ao buscar compreensão profunda no texto literário, é possível defrontar-se com sujeitos e situações bem parecidos com os da vida real. Contudo, o papel que o texto literário pretende é o de construir e apresentar possibilidades.

A Literatura, portanto, fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos¹⁵.

Como exemplo de Literatura que se liga à História e promove a análise com discussão de acontecimentos e memórias semelhantes, é viável analisar o livro “O Terra e Mar”, escrito por Carlos Cardeal de Araújo, que mergulha através da ficção numa real ligação do imaginado com o já verdadeiro e de certa forma palpável. O livro relata o cotidiano de uma

14 SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 21.

15 *Idem*, p. 21.

cidade pequena, na beira da praia, de costumes simples, vida humilde, sustentada principalmente pelo trabalho com o mar e com a terra. Dirigida por líder corrupto e desapegado de todo e qualquer tipo de simpatia e responsabilidade com aqueles que o elegeram. Lugar afamado pelas belas praias que lá existem, atraindo pessoas ao seu meio, que com perspectivas de viverem sossegadas, para lá mudaram-se. Entretanto, o ponto principal de interesse do autor é a prostituição como forma de sobrevivência para muitos na cidade e a infiltração dela no cotidiano do povo daquele lugar, que se apropria do espaço de lazer de forma a legitimar a importância de um prostíbulo numa cidade, ainda que pequena, como Camocim, no Ceará.

Discutindo através de personagens fictícios, o escritor apodera-se da possibilidade de tudo aquilo ocorrer. De certo modo ocorria mesmo; o cabaré existia e tinha o mesmo nome do livro e do prostíbulo tantas vezes citado por Cardeal. Era uma instituição com fins de prazer, fosse ele através de mulheres ou por bebidas e danças. Tanto no texto escrito como no cotidiano vivido, a história das manifestações provocadas em torno da prostituição relaciona-se de forma a compatibilizar conteúdo histórico e conteúdo literário.

A notícia de que o Terra e Mar havia recebido gente nova abalou toda a malta da beira da praia, tudo ocorrera muito rápido [...] — Quem me disse foi a Thania! — Bradava o moleque Alcindo para todos os homens. — O nome dela é Rita Sergipana, veio das bandas de um tal Sergipe com um tal Luiz, aí hoje eles brigaram lá na feira feito cachorro e gato, eu vi até a briga, ele deu um tapa nela chega ela rolou pelo cimento, aí ela não queria mais saber dele, por isso foi morar no cabaré.¹⁶

As boas e más relações existentes entre homens e mulheres cooperam benéfica ou negativamente para a construção de critérios dos quais possam aparecer representações de insatisfações, dependendo do contexto em que tais indivíduos se envolvem. A repressão, a desconfiança e o medo mostraram na citação acima que esse tipo de comportamento colabora eficazmente para o retorno de Rita, uma ex-prostituta que mantinha um relacionamento com Luiz, a seu ambiente anterior. Ex-prostituta, vinda de lugar distante, onde conheceu Luiz, seu aparente libertador daquela situação que ela não participava só por prazer, mas por necessidade de

16 ARAÚJO, Carlos Cardeal de. *O Terra e mar*. Fortaleza –CE: Fundação Dolores Lustosa, 1988. p. 46.

vida, buscou na distância junto “de um homem que a tirara de um cabaré, a única pessoa que vira nela gente e não uma caixa de gonorreia, como praguejava seu pai antes de morrer, jogando-lhe os pés”¹⁷, “reconstruir sua vida” começando pelo distanciamento do seu “erro”, abandonando tudo e juntando-se a Luiz na busca de uma vida feliz sem a prostituição.

Contudo, os planos foram traídos pelo sentimento de desconfiança, encontrar sua mulher, ex-mulher da vida, cercada por homens, comendo sem dinheiro para pagar, condicionou ao parceiro de Rita desconfiar do seu comportamento e acreditar na traição (retomada do comportamento de “menina”, pedir e oferecer ao mesmo tempo), partindo para a agressão e esquecendo, eventualmente, de todo o discurso construído em torno de ser diferente, de ser “melhor”. Daí a revolta e retomada de Rita à vida da qual já participou e que também é a única possível de viver devido a impossibilidade de estar em outro trabalho, em outra casa, com outras pessoas, por não ter nenhum desses itens à sua disposição. Trabalho não havia, família não tinha, tampouco uma casa para estar. Ir pro cabaré, morar com Thania, fugir de Luiz, seu salvador e carrasco, foi a única ideia possível de concretizar.

Mais uma vez, o caminho da profanação foi o jeito mais fácil para a prática da indignação da mulher com os modos expostos pelo sexo masculino (principalmente), pela sociedade pobre de solidariedade e justiça, grande como excludente daquelas já consideradas marginalizadas: as prostitutas.

Margareth Rago, através de uma pergunta direta, incita ainda mais os questionamentos referentes aos desnudamentos dos meios das práticas femininas para sua participação social:

Mulheres de má vida, meretrizes insubmissas, impuras, insignificantes, o que fazer com essas loucas que recusam o aconchego do casamento, que negam a importância do lar e preferem circular enfeitadas pelas ruas desnudando partes íntimas do corpo, exalando perfumes fortes e extravagantes, provocando tumultos e escândalos, subversivas que rejeitam o mundo edificante do trabalho, surda aos discursos masculinos moralizadores e que perseguem a todo custo a satisfação do prazer?¹⁸.

17 ARAÚJO, Carlos Cardeal de. *Op cit.* p. 20.

18 RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar.* Brasil. 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 85.

As divergências de ideias, os desencontros de sentimentos, as diferenças de ambientes e, sobretudo, a coragem de agir, diferem os que buscam suas realizações pessoais por meios “limpos ou não”. É óbvio que a prostituição não deve ser encarada única e exclusivamente como jeito de expelir vontades recíprocas. Ela é promotora de degradações, humilhações e doenças no corpo. Mas é também de realizações pessoais, incentivadora do conhecimento humano, e ainda que tentem obscurecê-la, é colaboradora e fortalecedora da economia de todo e qualquer lugar onde se manifesta.

No Terra e Mar “real” em Camocim, a chegada de mulheres acontecia pela necessidade de trabalhar e sobreviver ou pela simples vontade de estar naquele ambiente. De uma forma ou de outra, o comércio que circulava no prostíbulo era maior que o de outros setores do clube. Bebidas e jogatinas também contribuíam com o comércio e com a prostituição.

Para o trabalho que está sendo desenvolvido sobre a profanação dos lares, para alguns, e alegria que a profissão mais antiga do mundo pode ter, dentro de Camocim, será utilizada a história oral e a memória, uma vez que vestígios materiais e documentos escritos não são possíveis para acesso. Ao buscar em cartórios, ao conversar com profissionais da polícia, a resposta sobre qualquer documento no papel é inexistente ou inviável. Inclui-se aí, fotografias dos visitantes e das pessoas que compunham o clube Terra e Mar.

Pouco se escreve sobre a s meretrizes desta época ou quase nada, pois estas não interessavam ser mostradas e sim os “grandes feitos dos grandes homens”. Elas seriam a manifestação clara do descaso, da incompetência da sociedade e também devassidão do homem e desprezo pela família, entidade que deveria ser preservada e vigiada¹⁹.

Analisando as palavras acima do historiador ipuense Antonio Iramar Miranda Barros, é fácil de compreender as razões pelas quais não se encontra informações escritas e palpáveis sobre a mulher, a prostituta, guerreira, a sonhadora. Para os “limpos”, encontrar a sujeira da prostituição é o melhor remédio. É tão mais fácil

19 BARROS, Antonio Iramar Miranda: *Ipu nos Trilhos do Meretrício: intelectualidade e controle numa sociedade em formação.* (1894-1930). Dissertação em História. Universidade Estadual do Ceará- UECE, 2009. p. 31.

maquiar uma sociedade dando-lhe alegria, justiça e o que chamam de normalidade a mostrá-la naturalmente como é!

O medo da crítica que dói, do apontamento na rua, da vergonha que familiares poderiam sentir ao tornar-se público novamente o passado da prostituição, quase impediu que esse trabalho existisse. No início, as portas não pareciam abrir, é como se até as janelas tendessem a permanecer travadas com o objetivo de impedir que entrasse. Entrasse alguém que vinha para tirar da memória e que muito nela estava, a vida de tantas pessoas que se fizeram e fizeram a outras no Terra e Mar. Ao passo que enxergava a lembrança alegre nas poucas palavras iniciais que ia ouvindo, reconhecia o dissabor do isolamento social e principalmente diurno que as “mulheres da vida” passavam. Era triste, porém, muito, muito interessante ouvir o início daquilo que não imaginava crescer tanto. Ser desejada era extremamente importante para o ofício que desenvolviam, estar bonita, feliz, era essencial, mas, sem dúvida nenhuma, a proibição da circulação das mulheres do cabaré mais famoso da região no restante da cidade trazia um gosto muito amargo. Talvez fosse do arrependimento, talvez da raiva.

Para encobrir a “parte podre” que o dia deixava mostrar, as autoridades políticas eclesiásticas, assim como os líderes familiares, aconselhavam, doutrinavam suas filhas a não passarem nem perto do cabaré, até o olhar as corromperia, as faria impuras e indignas. O interessante é observar que a satisfação que esses mesmos homens adquiriam ao escurecer, era esquecida sob os raios de Sol.

Localização, facilidade para a prostituição. isolamento do resto da cidade

O Terra e Mar tinha por localização grande contribuição para desenvolver suas atividades diárias, voltadas ao divertimento dos seus frequentadores. Estava próximo ao mar, perto dos homens que tinham dinheiro, mas buscavam outro tipo de recompensa, além daquela que conseguiam pelo seu trabalho. Era grande, dividido em “funções do prazer”, que podia ser o da bebida, o da jogatina, o da dança e o do sexo.

Dona Francisca das Chagas, entrevistada, diz: “Aqui onde cê tá fazia parte da entrada dos quarto. Tinha parte de receber os homi e de jogo”²⁰. A sensação de estar sentada no espaço onde um dia foi lugar de prazer, procura e preconceito, é ter a chance de observar que, apesar de tantos conflitos existentes no mundo todo por causa de preconceito, as coisas hoje ainda se apresentam menos difíceis para a questão feminina do que já foi um dia.

A divisão que o clube tinha facilitava para aqueles que para lá se dirigiam. Segundo Dona Maria Rita Bezerra, “home iam beber, home iam dançar e home iam namorar. As mulher ficavam em casa tudo cum raiva. Elas tinha inveja da alegria da gente”²¹. O fato do Terra e Mar está localizado à Beira da Praia do “outro lado da vergonha”, de certa forma acalmava a ira de pessoas da sociedade, principalmente aquelas que julgavam-se melhores e mais dignas que as prostitutas e certos frequentadores do Terra e Mar.

O cabaré era grande, tinha bares, salões, muitos quartos, muita gente trabalhando, muita gente chegando e pedindo para trabalhar. Muita mulher que vinha com o sonho de ser famosa “na vida”, e o melhor jeito que tinha de ser famosa, viver livre, ganhar dinheiro e se divertir era através do Terra e Mar. O lugar profano para uns e a “salvação” para outros. E foi assim que, por vezes, Dona Rita se colocou. Como alguém que deixou a casa de seus familiares para adentrar no desconhecido, mas sonhado mundo de prazeres e perseguições. Reportando a fala de Dona Rita, é associável ao que Foucault escreveu: “O discurso nada mais é que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos...”²². A verdade acontece e é repassada dependendo de quem a vive, como conta e o que conta. A verdade de quem viveu e conheceu os prazeres e as aventuras que o Terra e Mar dava é uma, a versão de quem estava de fora, provavelmente, será outra.

Sandra Jatahy Pesavento diz: “[...] a História não poderia ser jamais total, pois nenhum historiador poderia dar conta de tudo...”²³. É exatamente assim que podemos enxergar a pesquisa e a escrita histórica, como

20 Francisca das Chagas Araújo, 62 anos, dona de casa. Entrevistas realizadas pela autora entre novembro e dezembro de 2004 em sua residência, onde funcionava parte do antigo cabaré Terra e Mar. Camocim-Ceará.

21 Maria Rita Bezerra, aposentada, 73 anos, dona de casa. Entrevistas realizadas pela autora entre novembro e dezembro de 2004. Camocim-Ceará.

22 FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 48.

23 PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2.ed.1. - reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 34.

algo que jamais estará completo, formado e acabado. E é assim que ocorre com a pesquisa sobre o Terra e Mar, a cada passo dado é descoberto um novo acontecimento, uma nova razão no existir daquele lugar. Lugar que abrigou inúmeros risos, mas causou inúmeros dissabores para as mulheres que viam seus maridos saírem para lá, assim como a Igreja, que tentava interferir no funcionamento do lugar e que não se abalava fortemente com as críticas e exclusões que aqueles que lá estivessem sofriam.

Camocim, espaço portuário e de lazer: a prostituição como opção

Camocim, cidade localizada no extremo norte do estado cearense, limitando-se com o Oceano Atlântico e fazendo vizinhança aos municípios de Barroquinha, Granja, Chaval, próxima ao Estado do Piauí. Agraciada com o mar dentro da sede, tem como principal fonte de sobrevivência a pesca e as atividades ligadas ao setor marítimo. O transporte ferroviário já contribuiu no comércio camocinense, além dos transportes rodoviários que, é claro, colaboram até hoje. Entretanto, as informações conseguidas em torno do crescimento econômico que despontava no período analisado voltam-se substancialmente para o trânsito de navios e trens naquele lugar, ligando-o às cidades vizinhas e às mais distantes.

A cidade contava com um porto natural com capacidade para comportar navios de quatro mil toneladas, era uma ligação do Ceará com o “resto do mundo”. De diversas partes chegavam mercadorias que abasteciam toda a região, desde o litoral à Serra da Ibiapaba, além de alguns municípios do sertão. A economia da região se intensificava, pois a produção de algodão, mamona e farinha de mandioca era exportada nos navios.

A chegada e partida dos navios contribuía para o aquecimento da economia camocinense e era sentida por aqueles que participavam daquele momento. Além, evidentemente, da compra de mercadorias e das exportações de outras, a cidade ganhava com a estadia daqueles que trabalhavam nos navios. Eram inúmeros os homens que, em Camocim-CE, chegavam e hospedavam-se enquanto faziam suas negociações. Esses “marinheiros”, além de hospedarem-se (caso não ficassem nos navios), consumiam: comiam, bebiam, compravam o que achavam necessário a seu uso.

A foto abaixo mostra um dos navios que estava ancorado no porto camocinense, comprovando de certa maneira a existência de uma nave-

gação que se realizava dadas as condições naturais que o porto da cidade permitia. Essa possibilidade do comércio acontecer por vias marítimas contribuía espantosamente para a perpetuação do prostíbulo em discussão. Não é possível afirmar que só navios e tripulantes traziam o dinheiro a ser gasto no comércio do corpo, contudo, não se pode encobrir que este sem dúvida facilitou e muito o desenvolvimento da prostituição como meio de sobrevivência e rebeldia. Pois era através do comércio da mercadoria natural que elas sobreviviam através da sua própria mercadoria, o corpo.



Figura 1 - Vapor “Camocim” ancorado no porto.
Arquivo: Blog Camocim Pote de Histórias.

O comércio camocinense, diante da entrada de pessoas e mercadorias como também da saída, estava em plena atividade no contexto socioeconômico local. A possibilidade da colaboração de outros lugares no desenvolvimento comercial, sem dúvida, acarretou diferentes contribuições, dependendo, obviamente, do olhar de cada um em relação a forma como essa “troca de produtos” funcionava.

Em Camocim, era comum aportarem navios carregados, habitualmente por toneladas de produtos alimentícios ou até de animais. Ancoravam no porto de três a quatro navios em classificação normal. E de cinco a seis, vez por outra. A vinda desses navios trazia consigo a abertura necessária que a cidade precisava para “crescer de fato,” pois toda a movimentação que se realizava na cidade promovia a economia feliz do comércio e os lucros imorais pelo comércio da prostituição.

Especificamente no “Terra e Mar”, lugar analisado, a prostituição, partindo da chegada da mulher no ambiente, fundamentava-se em prováveis dois pontos importantes: a necessidade do dinheiro para viver, fosse ele advindo de qualquer situação, justa ou não, indigna ou não; e a curiosidade, a vontade de estar num lugar que era possível viver o mais abertamente possível, onde o “real” desejo feminino podia se realizar e onde a mulher era vista como necessária, importante, o centro de tudo aquilo.

Quanto à existência e circulação de dinheiro naquele clube, existiam meios para que isso acontecesse. Um dos principais contribuintes era o comércio realizado através do mar. Muitos marinheiros que passavam dias e dias em navios que transportavam alimentos, entre outras coisas, aportavam na cidade e procuravam hospitalidade e diversão. Com o ancoramento de grandes barcos em Camocim, a frequência de homens no clube, que já existia, aumentava consideravelmente. O mar era o ponto de ligação preponderante entre a mulher e o seu comércio.

O destino tomado por marinheiros para satisfazer suas vontades era o caminho do clube Terra e Mar, lá encontravam ocupações diferentes das que estavam há dias fazendo. O espaço era composto por bares, sala de jogos, salão de festas, barraquinhas com diferentes atrativos na frente do clube (em dias de festa, principalmente) e quartos para repousos acompanhados de mulheres que faziam dos seus corpos um objeto também de lazer. “A marginália nada mais faz do que representar, às últimas consequências, um papel social”²⁴.

O papel da mulher prostituta, ao entregar seu corpo, recebendo em troca dinheiro como pagamento, pode ser compreendido como relação de poder, uma vez que aquele que a “compra” exerce a função de cliente e ela de mercadoria, ou ainda, é a prostituta a responsável social para a finalização das necessidades físico-sexuais, sujeito necessário, mas degradante, na sociedade que a julga marginalizada.

A participação da mulher na sociedade sempre foi polêmica, eram-lhe atribuídas condições de submissão, de desvalorização intelectual e incapacidade de competição com seu sexo oposto. Com as mulheres da noite, as classificações ultrapassavam a negação da inteligência e capacidade de criar, competir e se estendiam a afirmação da impossibilidade de convívio com outras pessoas publicamente. As rameiras eram impróprias para o convívio diário, desnecessárias diurnamente à boa família e vulgares até

para o olhar público. Entretanto, eram essas “meninas” as encarregadas de realizar as vontades mais reprimidas que a sociedade moralista, machista apregoava de dia e desconstruía à noite.

Não ocorria com grandes diferenças em Camocim. A vida das mulheres honradas não sofria interferência clara com as de “vida fácil”, a começar pela divisão de espaço. O espaço da honestidade, honradez e moralidade eram um, e o da perversão, da falta de vergonha, da sujeira, era outro. “Ali, antigamente, o cabaré era, era detalhado, só, chamava a zona, né, que era só as mulher da vida, né”²⁵. O lugar onde as meretrizes recebiam seus viajantes e onde essas podiam viver sem grandes preocupações era o quarteirão em que o clube se estendia. Lá estavam apropriadas ao lugar, misturar-se com outra área da cidade não era coerente, suas vidas deveriam restringir-se aos limites do Terra e Mar. Permanecer no lugar de trabalho o dia todo não era difícil. Não havia necessidade de sair à busca de homens para o exercício da profissão.

Além da forte colaboração que os marinheiros davam ao comércio como um todo no clube, outros frequentadores promoviam o crescimento do lugar, saciando seus desejos. Eram pescadores de barcos pequenos e médios que frequentavam sempre que podiam. Salineiros, que ao receber seus pagamentos iam se deleitar com as vantagens que o dinheiro lhes podia comprar. Homens da estrada de ferro, que faziam também do cabaré mais conhecido de Camocim o alvo de visitas para suas realizações físico-sexuais. Um comércio fortalecia o outro. Os produtos de sacos, prateleiras, despensas etc., negociados na cidade advindos de outros lugares, trazidos por homens de cantos distantes ou próximos, favoreciam a procura por casas de prostituição na cidade e principalmente a fortificação do clube mais conhecido da região em termos de festas, bares, jogos e mulheres. “Sendo a prostituição um mal necessário, as prostitutas tornam-se, portanto operárias especializadas, aliviadoras profissionais, lixeiras do amor”²⁶. Assim como salineiros, pescadores, comerciantes, professores, carroceiros entre muitas funções que o ser humano pode exercer, cada qual com sua especificidade e importância, o legado da meretriz, rameira (querido ou imposto) é o de usar sua feminilidade e audácia para ultrapassar as barreiras que lhes impuseram ou impõem, realizar suas vontades ou apenas sobreviver da forma que conseguiram e conseguem.

24 LEITE, Gabriela Silva. *Eu, mulher da vida*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p.81.

25 Maria Rita Bezerra, entrevista já citada.

26 ADLER: Lauro. *Os bordéis franceses*. 1830-1930. São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1991. p. 13.

A sexualidade mostrada e vivida através do comércio sexual foi e é exemplo de degradação. Em se tratando de uma cidade do interior, a barreira da compreensão e aceitação é mais veemente. Na cidade de Camocim, não aconteciam manifestações declaradas contra a atividade do Terra e Mar, ou pelo menos não foram essas informações conseguidas, talvez pelo fato de “marginália e moralidade” estarem distante do ponto de vista cartográfico; prostituta para um lado, senhoras distintas para outro.

Gabriela Silva Leite cita o seguinte:

Vivemos uma eterna divisão entre a santa, a mãe dos filhos e “as outras”, as “da vida” (sem dúvida muito mais divertidas). As santas assumem seu papel, mas fantasiam ser prostitutas: e as prostitutas sonham com a pacata situação de dona de casa, rainha do lar dedicada ao marido e aos filhos²⁷.



Figura 2 - Praça da Estação. Camocim. Década de 50. Fonte: Cearanobre.blogspot.com.

Acima, uma representação de como era uma parte da cidade, salientando que esse pedaço era próximo aos dois maiores polos comerciais do lugar: a linha férrea, melhor, a Estação Ferroviária, que estimulou potencialmente o desenvolvimento do lugar e o contato com outros municípios; a beira-mar e o famoso cais do porto onde chegavam as embarcações de grande e pequeno porte.

A apropriação do corpo como mercadoria comprada em uma prateleira, ou coisa do tipo, coloca como submissa a “proprietária da carne

27 LEITE, Gabriela Silva. *Eu, mulher da vida*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p. 15.

escolhida”. Quem compra, ou precisa, ou apenas quer. No caso das mulheres à toa, submeterem-se a condição de “perversão e degradação” é apenas cometer o “erro” de ousar. Desfazer a imagem da mulher-família e apresentar a mulher sensível, sensual e pujante na sua sexualidade é contrapor os rigores estabelecidos para a mulher socialmente definida como honrada.

O homem é o fortalecedor do “crime da prostituição”, mas seu nome não é ligado a isso, pelo fato de ser homem e homem é aquele que entra, escolhe e participa, contudo, não se envolve com aquela condição. É o seu instinto masculino que o conduz a este tipo de “comércio”.

A presença de homens no Terra e Mar era uma constante, ainda que os atrativos permanecessem os mesmos por algum tempo. Com as festas promovidas nesse ambiente de lazer, a procura pelo clube só crescia. A lotação dos bares e salões de danças era cada vez maior. A procura por mulheres só aumentava. Para inovar e atrair mais visitantes, eram trazidas mulheres de diferentes lugares.

Dona Francisca das Chagas, entrevistada, diz o seguinte:

Agora, nesse tempo, aqui tinha muita mulher demais, criatura! Se fosse contar. Era! Nesse tempo só tinha mulher bonita, mulher vinha de Sobral, de Fortaleza, Parnaíba, vinha da banda do Piauí, mulher de toda parte, Crateús, vinha pra morar por aqui, Viu? Passar uns tempo, que era muito animado mermo! Animado mermo²⁸.

A prostituição, como fonte de renda obrigatória, ou apenas opção de vida, quebrava barreiras quanto a distância, provavelmente, em muitos lugares, não acontecendo de forma inédita em Camocim, mas apenas reforçando o caráter social que a prostituta trazia e traz consigo ao deslocar-se de um canto para trabalhar em outro. Muitas vezes por falta de opção de trabalho para a sobrevivência, outras por interessar-se por aquele ambiente.

Terra e Mar: literatura, prostituição e memórias femininas

A escrita literária feita por Carlos Cardeal de Araújo no finalzinho da década de oitenta, voltada para questões enegrecidas como a mulher, sua

28 Francisca das Chagas Araújo. Entrevista já citada.

participação, suas memórias, a prostituição: início, crescimento e importância na cidade de Camocim, acabaram por trazer a possibilidade de lembrar, com o auxílio da sua ficção, momentos e pessoas reais da história camocinense. Através do seu texto, é possível uma compreensão, partindo de uma análise profunda, de toda a complexidade e relevância que um ambiente de lazer “marginal” pode proporcionar em um lugar, assim como, a aceitação e negação das ações e reações que um clube (prostíbulo, mais precisamente) causou e ainda causa.

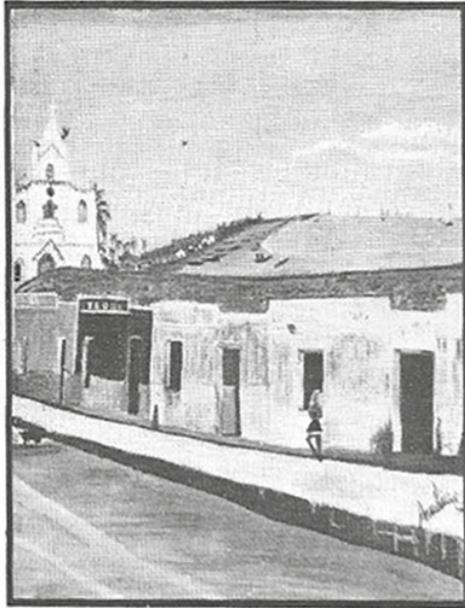


Figura 5 - Quadro de Amélia Campos, óleo sobre tela. Fonte: Livro *O Terra e Mar*.

É bem visível que a pintura não consegue repassar com nitidez tudo o que foi ouvido e transcrito sobre o espaço de alegria com o uso de atividade considerada ilícita pelo Código Penal Brasileiro de 1940, conhecido como o Terra e Mar. Mas é possível, sim, observar a aproximação aparente entre o sagrado e o profano. Ainda que seja somente aparente. Já que religião e prazer não caminharam junto no espaço do Terra e Mar. Sem dúvida, a intenção do autor ao acrescentar esta pintura em seu livro foi de dar asas aos pensamentos de quem enxergasse o prostíbulo e o lugar de fé em um mesmo quadro.

Como já citado, o atrativo principal no clube Terra e Mar, tanto na ficção como na realidade, era de fato o “comércio do corpo”, fortalecido consubstancialmente por marinheiros, que no lugar chegavam afetados intimamente pela necessidade de descansar e espairecer; ferroviários que

na cidade passavam a negócios e participavam também do clube. Entretanto, não só marinheiros e ferroviários visitantes, contribuíam com o crescimento do “ambiente de diversão”: salineiros, que ao receberem seu pagamentos iam até o Terra e Mar gastar com bebidas, jogos e, naturalmente, com mulheres; pescadores da cidade e da região vizinha, que lá no clube contribuíam com aquele comércio, não esquecendo que a “sociedade privilegiada” do ponto de vista econômico dava a sua contribuição na difusão do clube-cabaré mais conhecido e frequentado da região.

A fama que o clube tinha, principalmente por conta de seu investimento maior, a profanação, causava dissabores para muitos que não apoiavam aquele lugar, nem frequentavam ou apenas não declaravam-se integrantes daquele mercado. Entre essas pessoas que reprimiam e oprimiam aqueles (aquelas) que estivessem no hábito ou “na vez perdida” de ir até ao clube procurar o que não tinham muitas vezes em casa porque o pudor, a moral e os bons costumes (às vezes a crença) não aceitavam, estavam mulheres da sociedade “pudorada” e maquiada, assim como componentes da Igreja, que viam como ovelhas desgarradas aqueles que tivessem seu ofício lá e os que faziam desses ofícios seus divertimentos.

Memórias femininas: prostituição e lazer

Através das conversas realizadas com pessoas envolvidas diretamente com o clube Terra e Mar, ou apenas ouvintes dos comentários feitos sobre o lugar, é concebível um trabalho realmente baseado nas memórias existentes sobre aquele período e espaço, principalmente se a análise for através das reminiscências femininas, pelas meretrizes.

Gabriela Silva Leite, em seu texto autobiográfico, conta como aconteceu sua entrada, passagem e permanência na prostituição, prefaciando com a complexa discussão entre duas mulheres de modos diferentes que se fundem em uma apenas: “No relato desses porões, percebo que meus dedos, dançando pelos teclados da máquina de escrever, ora obedecem Otília, ora escutam Gabriela. Otília descreve dias de loucura, inquietude. Gabriela conta dias de amor, esperança e luta”²⁹.

A questão da memória se apresenta de acordo com aquilo que um indivíduo julga necessário expor a outros. Como essas se apresentam, é uma outra questão, a qual, pode ser ligada a importância que o mesmo indiví-

29 LEITE, Gabriela Silva. *Eu, mulher da vida*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992, p. 7.

duo atribui ao acontecimento relatado. O fato de Otília e Gabriela serem a mesma pessoa poderia influenciar nas suas lembranças e apresentações. No entanto, Otília, antes de ser prostituta e transformar-se em Gabriela, primava por coisas que, ao virar Gabriela, “mulher da vida” começou, de certa forma, a negar. A primeira mulher, mesmo discordante da situação de submissão ainda vivenciada por muitas, participante de discussões sobre desigualdade social, preconceito, o papel da mulher etc., mantinha a passividade e inércia ao se tratar de ação palpavelmente. Já a segunda, mulher-prostituta, saída de ambiente universitário, tomada pelo desejo de ser e estar fazendo aquilo que acreditava, queria e podia trabalhar na profissão do sexo, relata da forma que lhe interessa suas participações ou observações acerca da prostituição. Apesar da insistência na afirmação da relevância em se conhecer o mundo da prostituição e o que ele promoveu e ainda promove, a barreira do preconceito com esse tema ainda é energética e presente na sociedade contemporânea.

Para as mulheres que trabalhavam no ambiente “aliviador de carências”, ele aparecia, primeiramente, como um lugar bonito e divertido, ainda que em suas colocações prepondera a situação de prostituição como atração principal, as bebidas, danças e jogos como preliminares ou finalizações das visitas dos homens.

Dona Francisca das Chagas diz o seguinte: “Tinha. Era tudo. Era ... Aqui era muita coisa. Era muito bom, Tanto fazia ser de dia como de noite não faltava gente. Era... vinha beber, vinham dançar. Era tudo, um cabaré³⁰.”

O olhar que Dona Francisca fez diante de toda a situação criada e vivida no Terra e Mar diverge, sem dúvida, do olhar da maioria das pessoas que veem a prostituição como um mal. Para ela, a entrevistada, tudo aquilo que viu e viveu foi entendido como normal à sua vida e na de todos que participavam do lazer e do comércio naquele espaço. Suas recordações retratam o saudosismo existente em seus pensamentos mais íntimos quando se refere à sua juventude e ao destino que preferiu dar a ela. A animação, lotação e fama do Terra e Mar fizeram com que Dona Pichuna, como ficou conhecida Dona Francisca, se deslumbrasse e optasse por levar uma vida igual àquela já observada por ela, sobre outras mulheres. Partindo desse encantamento no olhar feito pelo espaço lúdico, assim como Dona Francisca é que muitas outras mulheres deixaram a vida monótona e sub-

missa de “mulher distinta” e integraram-se na classificação de “mulher indecorosa”.

Laure Adler diz o seguinte: “A prostituta é uma pessoa que, por obrigação ou por inclinação, abandona as normas e se marginaliza social, afetiva e sexualmente... Ela não nasce prostituta, ela se torna uma. É uma profissão não um estado”³¹.

Existem fatores que favorecem a opção pela “vida marginalizada”. Segundo a citação acima, eles podem ser os de extrema necessidade para a condição de vida (de sobrevivência mesmo) ou podem ser por livre escolha daquilo com o que se identifica e como se prefere viver. Dessa escolha, ou dessa divisão de condição, é que o termo marginalização social, afetiva e sexual feito por Adler pode parecer, talvez, com mais significado, se a condição de “criminosos dos bons costumes” for dada à mulher que opta por essa vida de sujeição. Sujeição em partes, e não definitiva, como mostram alguns críticos.

A prostituição, segundo Adler, não vem como influência genética. Não é uma doença. É uma escolha, uma área de trabalho escolhida ou socialmente possível para alguns e, necessariamente, precisa para a perpetuação das diferenças socioculturais e econômicas. É tão presente a assimilação da prostituição como escolha de vida nas mulheres entrevistadas sobre o assunto em Camocim, que suas memórias retratam suas vidas de “mulheres da noite” como dias felizes e que não existiram mais.

Elas, as atrações principais do espetáculo da vida real, naquele lugar pequeno, entretanto, sempre aberto a visitantes e por vezes cheio deles, só podiam sentir-se valorizadas e definitivamente necessárias para o resultado feliz de todo o empreendimento lúdico existente no Terra e Mar.

Dona Francisca das Chagas recorda com saudades os inúmeros momentos festivos daquele período, e não nega sua melancolia quando fala nas manifestações no clube:

Aqui tinha muita gente que gostava de tá aqui. Quando era dia de festa, era muita gente demais! Era dançando, bebendo, jogando sinuca, outros jogavam baráí, era tudo isso, tinha banca aqui no sereno da festa, tinha banca aí, todo mundo vendendo café, tapioca, era bolo, era tudo, viu? Era animado...³².

31 ADLER: Lauro. *Os bordéis franceses*. 1830-1930. São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1991. p. 11.

32 Francisca das Chagas Araújo. Entrevista já citada.

Todo o aparato construído para mais divulgação e maior frequência de pessoas no lugar, atingia não só os interessados, os compradores no comércio da diversão. As funcionárias e “mercadorias” daquele comércio (as mulheres) também se enchiam de encantamentos e alegrias com todo aquele vai e vem de pessoas e de coisas para atrair esses visitantes. Assim como Dona Pichuna, outras mulheres que frequentaram o Terra e Mar mostram nostalgia nas suas reminiscências. O que de fato é muito interessante, já que a prostituição sempre foi encarada apenas como degradação, e não realização, por muitos que discutem e escrevem a respeito. Dona Maria Rita, ex-prostituta, diz o seguinte: “Era muita gente, tudo. Mas era coisa boa! Uma serenata você via a toada de casa, tanto cantava como tocava”³³.

As lembranças de Dona Rita ainda se apresentam de forma mais intrigante, e assim pode-se colocar. Mesmo tendo entrado no mundo da prostituição aos treze anos de idade, vindo da zona rural, não conhecendo quase nada da vida urbana, buscando meios para viver, tendo de ignorar, aviltar, esquecer sua meninice em troca de meios para permanecer viva, essa mulher não lastima a experiência que teve de profissional do sexo por muitos anos. Conhecedora do clube, admiradora das diversões que nele aconteciam e próxima realmente das pessoas que dele participavam, ela se refere aos seus amigos e ao ambiente com grande admiração e saudade, fazendo inclusive uma comparação do que era um cabaré e suas festas naquele tempo e o que é diversão hoje:

[...] mas era uma coisa decente, num tinha negócio de indecência não! Indecência a gente viu ver, vei ver na parte familiar, quando eu cheguei uma vez no Balneário que eu vi o caboco lá pra dentro dançando que o palito do caboco chega fazia assim, só aquela marmota dentro da... Valha minha Nossa Senhora! Fiquei assombrada. Que diacho é isso? Que diabo... Que lá no nosso não tinha, era coisa de respeito, podia chegar qualquer uma família”³⁴.

Por tratar-se de um “lugar de perdição”, o cabaré sempre foi olhado como ambiente escandaloso, imoral, impróprio para pessoas honradas. O símbolo maior do prostíbulo é a perversão escancarada, ainda que isso não aconteça generalizadamente.

33 Maria Rita Bezerra. Entrevista já citada.

34 Maria Rita Bezerra. Entrevista já citada.

No Terra e Mar, que atingia alvos de diversões diferentes: jogos, bebidas, danças, comidas, mulheres, a apresentação e representação do ambiente era de atrair ainda mais visitantes, conseguirmos mais dinheiro, como todo e qualquer comércio. Contudo, o escândalo, segundo as entrevistadas, ficava por conta dos que de fora vinham, bebiam e ultrapassavam os limites do bom comportamento que as pessoas que lá trabalhavam tinham de ter. Também nas vestimentas, como nos seus comportamentos.

Para as mulheres, não ficava obrigado o uso de bebidas alcoólicas ou qualquer outro tipo de droga, como cita Dona Iracema Rosélia do Espírito Santo, ex-funcionária do Terra e Mar, e ainda moradora do quarteirão que é de uma das partes do clube que virou “casa de família”: “Trabalhei no Terra e Mar, cabaré, através do Terra e Mar e da Dona Maria Silva. Só bebia se quisesse, a madame não podia mandar as mulher beber”³⁵.

Trazendo a discussão para Camocim, a não obrigação do uso de bebidas alcoólicas pelas prostitutas pode ser compreendida como forma de assegurar o controle e o bom funcionamento das atividades no clube. O inicial costume de ingerir álcool poderia ocasionar possibilidades de constrangimentos e desentendimentos no lugar. As mulheres que bebessem demais estariam vulneráveis a abusos por homens ou até não se encontrariam em condições para trabalhar devido ao seu estado de alcoolismo.

Por mais subjugadas que as profissionais do amor possam ser, e por maior que seja a definição de degradação dada para essas trabalhadoras, sempre se encontram subsídios que mostram contrariedade em muitos aspectos, tais como: a prostituta não é necessariamente “mulher da noite” por dinheiro, por obrigação ou por falta de opção. Ela também escolhe esse caminho por identificar-se com ele, por admirá-lo e desejá-lo. Assim disse Dona Iracema: “Quando cheguei, já existia a festa troando. Um dia ainda vou praí! Deus me perdoe, mas eu quero ir pra li! Fugi de casa e vim... Disse pra minha irmã, fui pro Terra e Mar. Minha irmã disse que eu era vagabunda, não queria prestar”³⁶. Assim como Dona Iracema, muitas outras pessoas se encantam pela alegria que um lugar tão festivo e tão frequentado representa. É como se fosse a oportunidade de ser e fazer o que se tem vontade e não se pode dentro de uma “sociedade moralista”. “Eu tinha uma vida certinha de secretária, cheia de frescuras, e outra vida aparentemente *underground*, mas também cheia de caretices, com o po-

35 Dona Iracema Rosélia do Espírito Santo, ex-funcionária do Terra e Mar. Entrevistas realizadas pela autora em sua residência onde funcionava parte do antigo Terra e Mar, entre novembro e dezembro de 2004.

36 Dona Iracema Rosélia do Espírito Santo. Entrevista já citada.

vinho da USP³⁷. A autora autobiográfica que mostra brevemente a sua vida antes da prostituição, contemplada com todos os cuidados que uma mulher necessita ter numa “sociedade contemporânea e moralizante”, respeitando os limites de sua liberdade pré-definida (pensar, estudar e estar entre homens numa faculdade), depois nos diz que seu contato com pessoas do “mundo da malandragem”, distantes das oportunidades que uma universidade pode promover para a abertura de discussões e ações sobre questões sociais, conseguiram contribuir mais fortemente no que acreditavam, assim como as mulheres que escolhem a prostituição para demonstração de suas discordâncias no grau social a que estão colocadas; como profissão que preferem seguir e ainda como realização de seus desejos.

Trabalhar com memórias de pessoas que participaram ativamente do que se analisa é deparar-se constantemente com a possibilidade de sempre descobrir diversos sentidos para a existência da prostituição.

Nas recordações dessas mulheres que relembrou e falaram de suas experiências, o mundo da profanação lhes dava mais direitos que deveres, lhes promoviam livres e felizes. Pelo menos essas foram as demonstrações de sentimentos com referência ao Terra e Mar.

Havia uma procura muito grande de mulheres que desejavam estar dentro de um lugar aberto para uma vida livre, onde podiam mostrar seus risos, usar sua sensualidade, falar o que e como pensavam. Serem mulheres.

O valor que era cobrado para a realização que algumas mulheres tinham era grande e nem sempre podiam arcar com os gastos físicos e emocionais pós-prostituição. Contudo, não sei se é sorte, se destino, mas a vida reservava surpresas para algumas delas.

As mulheres entrevistadas que se negaram algumas vezes a abrir o diário de suas mentes, acabaram por contribuir essencialmente para a produção desse retrato escrito. Não foi tão difícil compreender porque o clube existiu por tanto tempo, nem por que as mulheres que viveram lá, quando abrem seu coração, sentem nostalgia. O clube para elas era uma fuga, uma forma de viver, um meio de aparecer e ser, ser o que quisesse ser: a dama da noite; a vagabunda; a vadia; a destruidora de lares; a espalhafatosa; rameira; prostituta; suja; indigna ou, simplesmente, livre.

37 LEITE, Gabriela Silva. **Eu, mulher da vida**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p. 39.

Fontes Orais:

Francisca das Chagas Araújo, 62 anos, dona de casa. Entrevistas realizadas em novembro e dezembro de 2004 em sua residência, onde funcionava parte do antigo Terra e Mar.

Iracema Rosélia do Espírito Santo, ex-funcionária do Terra e Mar. Entrevistas realizadas em sua residência onde funcionava parte do antigo Terra e Mar em novembro e dezembro de 2004.

Maria Rita Bezerra, aposentada, 73 anos, dona de casa. Outras informações mantidas em sigilo. Entrevistas realizadas em novembro e dezembro de 2004.

Fonte Impressa:

ARAÚJO, Carlos Cardeal de. **O Terra e mar**. Fortaleza –CE: Fundação Dolores Lustosa, 1988.

Referências Bibliográficas

ADLER, Laure. **Os bordéis franceses – 1830 – 1930**. São Paulo: Companhia das Letras; Círculo do Livro, 1991.

BLOCH, Marc. A história, os homens e o tempo. *In: Introdução à história*. 4ª ed. Lisboa: Europa-América, /s.d/, p. 25.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3º ed, São Paulo. Cia das Letras, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: vozes, 1994.

COSTA, Jurandir Freire. **Norma médica e ordem familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

LEITE, Gabriela Silva. **Eu mulher da vida**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tem-

pos, 1992.

MONTEIRO, Francisco Gleison da Costa. **A cidade e o meretrício:** trilhas e memórias do mundo da cancela: Tianguá-Ceará – 1950-2002. Fortaleza: Dissertação de mestrado pela Universidade Federal do Ceará, 2004.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas.** São Paulo: EdUNESP, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** 2.ed.1. - reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite:** prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. 127

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar.** A Utopia da Cidade Disciplinar. Brasil, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão:** tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.



Figura 4 - Antigo Farol do Trapiá - Camocim-CE. 1968. Fonte: Marinha do Brasil. Na obra, Carlos Cardeal o nomeia "Farol Sem Nome". No mesmo local existe hoje o atual farol, mantido pela Marinha do Brasil.

Roteiros sentimentais de Camocim no romance "O Terra e Mar"

Carlos Augusto Pereira dos Santos¹

Argumentação teórica da fonte

Sem dúvida, a revolução do conceito de fonte proposto pela Escola dos Annales possibilitou ao texto literário aquilo que ele já continha em sua especificidade, isto é, ser um material propício à "múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo". Deste modo, a história-problema, gestada na *Revisita Annales d'Histoire Économique et Sociale*, fundada em 1929 por Lucien Febvre e March Bloch, também se preocupava com a "compreensão da complexidade e da totalidade das experiências humanas", estimulando sobremaneira a aproximação com outras áreas do conhecimento, como a Geografia, a Sociologia, a Economia e a Psicologia, postulando, portanto, a chamada interdisciplinaridade².

Dentro deste universo de ampliação das fontes documentais, o campo da História das Mentalidades, de forma particular, "abriu espaço para a investigação de textos literários. Lucien Febvre, precursor de tal abordagem, demonstrou grande sensibilidade para com esse tipo de fonte, em especial no seu estudo da obra de Rabelais, publicado em 1942"³, além dos historiadores ingleses, renovando sobremaneira a historiografia, notadamente aquela de viés marxista. No Brasil, como afirma Antonio Celso Ferreira,

- 1 Professor Efetivo do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. E-mail: augustus474@hotmail.com
- 2 FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi, LUCA, Tânia Regina de. (Orgs.). **O historiador e suas fontes.** São Paulo, Contexto, 2009, p. 61.
- 3 FERREIRA, 2009, p. 63-4.

[...]a importância da literatura na pesquisa das ciências humanas, sobretudo na Sociologia, já vinha também sendo debatida por muitos intelectuais, entre eles, Antonio Candido, que afirmou em 1950: 'diferentemente do que sucede em outros países, a literatura tem sido, aqui, mais do que filosofia e as ciências humanas, o fenômeno central da vida e do espírito'. No entanto, com a exceção de alguns poucos, como Sérgio Buarque de Holanda e Nelson Werneck Sodré, ela não era objeto especial de interesse dos historiadores. Isso só ocorreria desde a década de 1980 com as novas propostas de abordagem da História Social e Cultural, que ganharam relevo em países da Europa e nos Estados Unidos⁴.

Na justificativa do uso da fonte literária na história, os estudiosos ressaltam a narrativa como sendo um elemento comum, contribuindo para o conhecimento histórico o relato das experiências humanas. Como nos diz Antonio Celso Ferreira: "O romance contemporâneo está inteiramente entranhado na história e de história, não só porque integra os modos de produção, circulação e consumo da cultura em épocas determinadas, mas, também por ter o tempo como elemento básico de sua estrutura narrativa. Afinal, antes de tudo, o romance conta uma história..."⁵. Tal pensamento é reforçado pelo que nos diz Roger Chartier, segundo o qual "algumas obras literárias moldaram, mais poderosamente que os historiadores, as representações coletivas do passado"⁶.

A aceitação da literatura como fonte para a história, afinal, foi melhor absorvida a partir da compreensão de que, assim como a literatura, a história

comportava dimensões subjetivas, imaginárias, oníricas e ficcionais, tão importantes quanto aos acontecimentos políticos, sociais e econômicos. Afinal, que outras fontes a não ser as artísticas, dentre as quais sobressai a literatura, deixaram registros tão preciosos e plurissignificativos desse universo humano recôndito, frequentemente recalcado noutros documentos?⁷

Material didático produzido

Roteiro sentimental Carlos Cardeal - A cidade de Camocim no romance "O Terra e Mar"

Carlos Cardeal de Araújo: traços biográficos



Figura 1 - Carlos Cardeal. Camocim. Fonte: desvedandocardial.blogspot.com.br

Carlos Cardeal de Araújo, um dos sete filhos do casal Francisco Cardeal de Araújo e Maria Maurícia de Brito de Araújo, nasceu em 31 de outubro de 1955 em Viçosa do Ceará. Veio para Camocim com a família aos cinco anos de idade para estudar, já alfabetizado pela mãe. Estudou nos extintos estabelecimentos de ensino Grupo Escolar José de Barcelos e Colégio Estadual Padre Anchieta. Aos treze anos ingressou no Convento de Tianguá a convite de Frei Aquino, amigo de seu pai. Devido a riqueza do acervo existente no convento, substituiu as atividades físicas por leituras de livros biográficos de santos e filósofos, por indicação do próprio Frei. Foi aí que começou sua paixão por literatura. Em 1975, Cardeal foi para Fortaleza para cursar o Ensino Médio. Durante este tempo, morou numa casa de estudantes chamada Núcleo do Estudantes Camocinenses - NEC, com mais 30 rapazes, e ganhava dinheiro escrevendo cartas para os colegas mais próximos.

4 FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi, LUCA, Tânia Regina de. (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo, Contexto, 2009. p. 84.
5 FERREIRA, Antonio Celso. *Op. cit.* p.75.
6 CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte, Autêntica, 2009, p. 25.
7 FERREIRA, Antonio Celso. *Op. cit.* p. 84.

Ainda morando em Fortaleza, passou por uma livraria e viu um anúncio de concurso literário, que exigia dos pretensos candidatos uma produção de vinte folhas. Com intuito de participar deste concurso, Cardeal começou a escrever pelas madrugadas afora. Por causa disso, alguns de seus colegas achavam que ele estava ficando louco, enquanto outros o ajudavam com material (lápiz, papel etc.). Cardeal escreveu durante muitas madrugadas, até perceber que já havia ultrapassado as vinte folhas e não poderia mais participar do mencionado concurso, porém não parou de escrever sua história e assim nasceu seu primeiro livro, “O Terra e Mar”, publicado após oito anos de sua produção.

Em 1988, com a morte de seus pais, voltou a Camocim para assumir o comércio que pertencera a eles, mas só conseguiu ficar no ramo pouco mais de um ano. Foi servidor público municipal no período de 1990 a 2007. Trabalhou inicialmente no setor pessoal da Prefeitura Municipal de Camocim e posteriormente na Secretaria de Cultura por um período médio de oito anos, em seguida ocupou o cargo de agente administrativo na Academia Camocinense de Ciências Artes e Letras, onde concluiu seu segundo livro, “Ida e Volta”, no ano de 2003, e o publicou em 13 de novembro de 2004, através da ACCAL, obra considerado pelo autor melhor do que o anterior, o “Terra e Mar”.

Carlos Cardeal de Araújo, ou simplesmente Cardeal, considerava-se um aprendiz de escritor e dizia não gostar do que escrevia, mas gostava muito de ler. Sua escritora preferida era Raquel de Queiroz, embora afirmasse ser influenciado por Jorge Amado, já que as obras deste renomado autor tratam de questões sociais.

Um trágico acontecimento marcou profundamente a vida do escritor na madrugada do dia 16 de maio do ano de 2005. Na até então pacata Rua da República, próximo à sua residência, dois delinquentes usuários de drogas o assaltaram e espancaram com muita violência, deixando-o mutilado. Perdeu a visão do olho direito e, através de exames mais detalhados, foi diagnosticado glaucoma, o que reduziu a visão do olho esquerdo. Carlos Cardeal de Araújo, após quase dois anos lutando contra as sequelas do atentado que sofrera, foi a óbito em sua própria residência na manhã do dia 11 de outubro do ano de 2007. E assim concluiu seu ciclo de vida no mesmo mês que completaria 52 anos de idade.

(Fonte: desvedandocardial.blogspot.com.br).

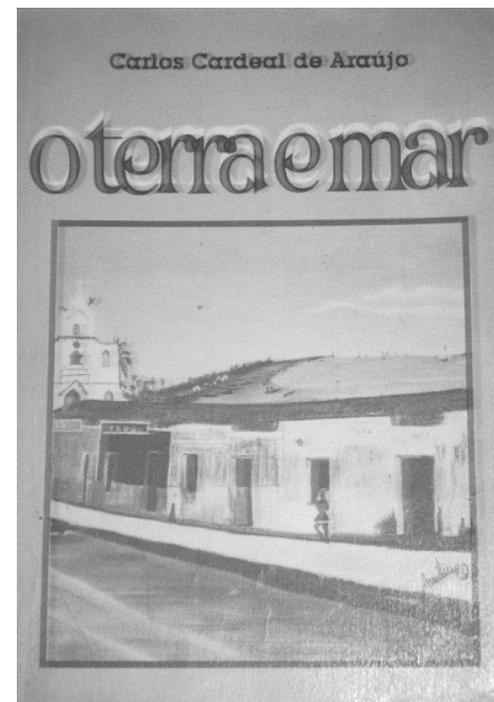


Figura 8: Capa do romance “O Terra e Mar” (1988).

O romance “O Terra e Mar”, de Carlos Cardeal de Araújo, foi publicado em formato brochura no ano de 1988, com apoio da Fundação Dolores Lustosa, Fortaleza-CE. De projeto gráfico simples, traz na capa uma ilustração do óleo sobre tela do cabaré “Terra e Mar”, de Amélia Campos. Não traz ficha catalográfica. O livro contém 157 páginas divididas em 46 pequenos capítulos, onde é narrada a trama, tendo como protagonistas a prostituta Rita e o viajante Luiz, que chegam a Camocim em busca de trabalho e aventuras, tendo como espaço central o cabaré “Terra e Mar” e seu entorno, evidenciando os dramas de gente simples da “beira da praia”, suas superstições, manifestações culturais e religiosas, os problemas da cidade e as futricas políticas pelo poder.

A obra apresenta Camocim por volta dos anos 1960-1970, quando a cidade ainda era servida pela ferrovia Camocim-Sobral e o porto. Contudo, em nenhum momento o autor se reporta a um tempo determinado. Os personagens são simples e típicos de uma cidade interiorana. Pelas páginas do romance, recordamos os lugares da trama percorridos pelos personagens. Alguns destes espaços não existem mais, outros foram ressignificados com outros usos.

A Praça do Amor

“A noite desce sobre a cidade. Os retardatários boêmios que estavam a ouvir canções em casas de jogos e em cabarés, já se tinham ido. A Praça do Amor, como é chamada pelos que amam, está deserta e com as luzes apagadas. É sempre assim quando chove. Os bancos de cimento que circundam a praça, geralmente quentes, ora pelo calor dos traseiros, ora pelo sol, agora estão gelados pelo sereno frio que cai desde o início do dia. Os botecos e casas de comidas típicas que compõem a vida noturna do lugar fecharam suas portas. A cidade dorme” (p. 7).



Figura 3 - Pracinha do Amor. Camocim. Foto: Arquivo Vando Arcanjo.



Figura 4 - Atual Calçadão. Camocim. Foto: Rafael Lima.

Rio da Cruz (Rio Coreaú)

“ O céu, de nuvens cor de chumbo, ameaça desabar sobre a cidade que parece desabitada. O mar, calmo, tornou-se mais escuro, nenhuma estrela empresta-lhe um pouco do seu brilho; nem a lua veio para fazer seus raios cristalinos penetrarem nas águas calmas do Rio da Cruz. Somente ao longe, do outro lado do rio, pequenos

candeeiros a gás tremem indiferentes à umidade da noite. (...) Sobre o Rio da Cruz, rodeada pelos mangues, desliza docemente uma mal trabalhada canoa, e, sobre ela, um ancião de longas e alvas barbas deixa-se levar pela correnteza” (p. 7).



Figura 11: Rio Coreaú. Camocim. Foto: Denilson Siqueira.

Mercado Público - “Mercearia O Zequinha”.

“No mercado, o fatigado casal acomodou-se em frente à mercearia “O Zequinha”, uma casa de esquina, cercada por amplas marquises que lhes ia garantir uma noite sem a importunação da águas. Luiz arriou as malas e sentou-se. Rita o imitou, sempre a reclamar de tudo” (p. 8-9).

Mercado Público

“Feirantes seguem em rumo ao mercado, às pressas, certos de que não farão bons negócios naquele dia. Os caboclos no mercado não ingerem seus copos de cachaça com o mesmo apetite dos outros dias. Sabem que aquele vai ser um dia diferente, pois vai cair muita chuva e a renda vai ser pequena. Reúnem-se os feirantes loquazes sob o grande alpendre destinado a abrigá-los. Será, sem dúvida, nesta manhã que ouvirão pela primeira vez o baque das águas sobre a coberta de amianto do abrigo Carlos Veras” (p. 33).



Figura 6 - Mercadinho Público. Camocim. Fonte: camocimonline.com.br



Figura 7 - Detalhe do Mercado Público. Camocim.
Fonte: pesquisecamocim.blogspot.com.br

Pensão Uruoca.

“Pensão Uruoca, era o seu nome, situava-se entre os entrançados trilhos da estrada de ferro, de frente para a grande gare, não havia um só passageiro que não a visse. (...) Ficava a pensão entre dois grandes cajueiros que lhes davam sombra durante grande parte do dia. Na rústica parede sem cal, viam-se grandes letras formando o “Pensão Uruoca” (p. 9).

Prefeitura Municipal de Camocim e adjacências.

“Depois de andar o suficiente para fazer passar o tempo, parou em frente à Prefeitura Municipal, que já estava com o grande portão principal aberto, mas em seu interior viu apenas um homem magro e mal vestido. (...) Passou em frente ao parque das crianças, do hospital, da delegacia de polícia. Parou um pouco sob a grande caixa d’água” (p. 9-10).

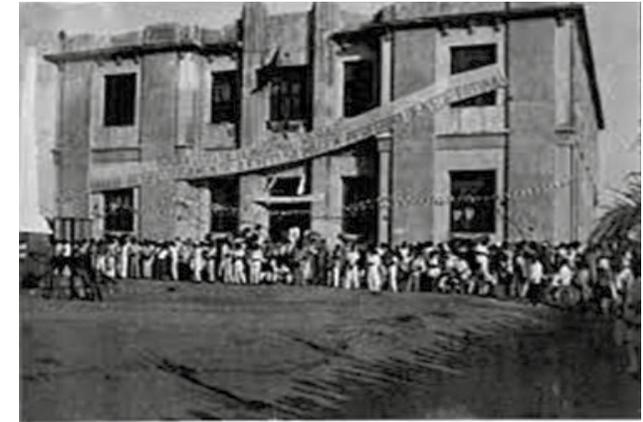


Figura 8 - Prefeitura de Camocim. 1954. Fonte: camocimpotedehistorias.blogspot.com



Figura 9 - Prefeitura de Camocim. Fonte: portal de camocim.com.br

Igreja Bom Jesus dos Navegantes

“De cor cinza-pérola, grande e majestosa, a Igreja de Bom Jesus dos Navegantes, o grande portão principal parcialmente aberto, Luiz entrou. Grosso e felpudo pano verde escuro tapizava o chão do portão principal até o altar do Padroeiro. Estátuas sacras espalhadas nas laterais da igreja” (p. 10).



Figura 10 - Praça da Matriz de Camocim. Fonte: camocimonline.com.br



Figura 11 - Matriz de Bom Jesus dos Navegantes (Camocim). Foto: Aroldo Viana.

Estação Ferroviária

“Era a velha estação cercada de muros e de seculares castanholeiras” (p. 9).

“A fila de postes, ostentando fracas lâmpadas, indicava-lhes o caminho a seguir, de onde estavam viam a velha estação ferroviária, e em sua frente, as águas coloridas da **Fonte Luminosa** davam-lhes a impressão de estarem dançando. Para lá se dirigiram, queriam ver de perto o espetáculo que era a Fonte Luminosa, e lá bem próximo a ela ficava a Pensão Uruoca” (p. 20).

“Quatro da tarde, hora em que o vento faz a festa, tornando tudo muito agradável, a maré enche com pressa, as ondas batem com força na balaus-

trada. A água salpica o calçamento tosco tornando-o brilhoso. Minúsculas jangadas surgem ao longe. Pedestres apressados seguem rumo à estação ferroviária, uns à espera de algum parente que chegará, outros apenas para ver quem viaja. Esse é um dos mais tradicionais divertimentos do lugar e os mais antigos nunca o abandonaram, nunca cederam aos mais novos a concorrência” (p. 16).



Figura 12 - Estação Ferroviária de Camocim. Foto: Domínio Público.



Figura 13 - Estação Ferroviária de Camocim. Foto: Vando Arcaño.

Cais do Porto

“O casal parte para descobrir novas aventuras, cinquenta metros apenas e estão no cais do porto, lá deveriam ancorar navios, mas apenas algum barcos com inscrições na popa da casa de pesca a que pertencem carregam e descarregam mercadorias. Estivadores, pescadores, prostitutas e curumins de cores e idades diversas parecem discutir acirradamente.

É grande a algazarra em todo o cais. (...) Um dos barcos de maior porte, chamou a atenção de Rita que, cutucando Luiz, apontou-lhe a popa onde havia a inscrição “CIMPESCA” e, em letras menores, a tradução da sigla: Camocim Pesca. Não foi difícil para os dois descobrirem que a Cimpesca era mais um patrimônio do Dr. Edmundo Filgueiras Leal” (p. 16).

DICA: Boa oportunidade para discutir a decadência do porto, a falta de navios ancorados e o início da atividade pesqueira.



Figura 14 - Vista aérea do Porto de Camocim. Fonte: camocimonline.com

Clubes sociais

“Passaram em frente aos clubes sociais localizados na orla marítima, pararam em frente ao **Camocim Club**, Rita não resistindo, soltou-se das mãos de Luiz e trepou na varanda. Depois os dois sentaram num dos bancos da Praça do Amor, Rita gostou mais do **Balneário Sport Club**, com sua cobertura de palha e suas paredes caiadas sem reboco; ali em frente, o balaústre estava em completa ruína. Suas colunas de cimento e ferro não haviam resistido à pancada das águas e haviam caído, para servir de morada às ostras e siris” (p. 17).

Balneário

“No Balneário Sport Club, crianças fardadas que não tinham guarda-chuva, aguardavam sob sua palhoça o cessar do sereno” (p. 36).

Sob a sombra do Balneário Sport Clube, um bêbado jaz sentado sobre o áspero calçamento, obrigando os peregrinos a desviarem-se mudando de rota” (p. 97).



Figura 15 - Camocim Clube. Fonte: IBGE.

Praia das Canoas

“Seguiram para a praia das Canoas, pararam em frente às pequenas casas que davam início à grande favela, seguiram pela rua onde ficam os cabarés, quase que todas as casas podiam ser identificadas como tais, com suas luzinhas de cor vermelha nas fachadas como se fossem sinais de perigo, todas numa só vila, como um mercado de produtos diversos, somente na esquina depararam-se com o grande Terra e Mar. Ali sim, era um cabaré para os melhores gostos” (p. 17).



Figura 16 - Praia das Canoas ou Enseada dos Barcos. Foto: Denilson Siqueira.

Praia das Barreiras

“Sentados sobre o barro vermelho da praia das Barreiras, os dois fitam o mar hipnotizados, todo ele parecia querer vir ao mesmo

tempo abraçar a terra, ondas monstruosas aproximavam-se tomando a forma da corcova de um camelo, dobravam-se em seguida para chocarem-se de encontro às rochas provocando um som ensurdecedor” (p. 18).

“Naquela manhã, apenas os primeiros raios do sol haviam surgido, ia o moleque a cantar na direção dos morros da praia das Barreiras, quando de repente perdeu a voz, em sua frente jazia o corpo de um homem” (p. 116).



Figura 17 - Praia das Barreiras. Foto: Robervaldo Monteiro.

Farol Sem Nome (Farol do Trapiá)

“Sentado, no ponto mais alto da escadaria do velho farol, ele contempla a imensidade do oceano. Dando a impressão de estarem ligadas ao céu, minúsculas jangadas desfilam ao longe embelezando aquele espetáculo contagiante. O vento forte balança a já quase em ruínas escadaria do Farol Sem Nome, o moço vira-se de costas para o mar e passa a contemplar o minideserto que começa a partir do velho farol. [...] Morcegos em polvorosa com sua invasão, tão velhos quanto o Farol Sem Nome, cortam os ares como jatos. Ele olha em torno ao local que tomou como palanque para observar todo o panorama, no ponto destinado a observadores de navios que se aproximavam há muito tempo atrás, quando a barra ainda era barra e não um estreito canal que mal permite a entrada de pequenos barcos de pesca, a entrada dos grandes carregadores de sal não passa agora de um sonho distante, tudo agora parece estar abandonado, toda a armação que circunda o tubo de gás está coberto pela ferrugem” (p. 26).



Figura 18 - Farol do Trapiá. Camocim. 1968. Fonte: Marinha do Brasil.

Praça do Quadro

“Na Praça do Quadro, estudantes mirins, protegidos por chapéus de chuva, dirigiam-se aos colégios” (p. 36).



Figura 19 - Praça do Quadro. Camocim. Fonte: Blog Camocim Pote de Histórias.

Balaustrada

“Luiz subiu no mais alto balaústre, tentou sentar, não conseguiu. [...] Desceu do balaústre de um pulo e seguiu rumo às casas pobres da praia” (p. 36).



Figura 20 - Balaustrada do Rio Coreau. Camocim. Foto: Robervaldo Monteiro

Terra e Mar

“Já passava das onze horas da noite e o grande salão do Terra e Mar estava lotado” (p. 57).

“Numa esquina, bem situado, um velho casarão foi logo remodelado e dividido em quartos e em dois salões. [...] Na grande e alta fachada, letras grandes e bem desenhadas formavam o nome “Terra e Mar”. Notaram então, com alegria, que em matéria de cabaré, estavam muito bem servidos; quanto a mulheres para dar vida ao cabaré não seria problema, pois andavam por aí às trepas, tomando como coito pequenos e sujos cubículos de aluguel, ou mesmo a própria areia suja da praia. Espalhavam-se da praia dos Coqueiros até as proximidades da praia das Barreiras” (p. 76).

“Os rudes homens do mar lotavam o Terra e Mar. O salão de dança não era suficientemente grande para comportar os muitos pares que nele dançavam. Ocupando a mesa de sempre, Luiz e Thania bebiam cerveja e vodka enquanto conversavam animadamente” (p. 81).

“Rita, depois que Luiz rejeitou a sua ajuda, resolveu voltar para o Terra e Mar. Retomou por um beco mais escuro ainda, talvez por ser ele o mais rápido a fazê-la chegar ao cabaré” (p. 86).

“Perambulava o moço pela rua Vinte Quatro de Maio, era essa a rua da cidade mais conhecida para Luiz, pois é ela quem liga o centro ao Terra e Mar, embora ficando o cabaré situado numa rua transversal à Vinte Quatro de Maio, era por ela que Luiz preferia andar” (p. 90).

Rua do Terra e Mar

“Deram o nome de Rua das Flores, da Alegria, da Harmonia, da Paz e até mesmo dos Prazeres, um nome que tinha bons e sugestivos motivos para pegar, mas de nada adiantou, o povo não quis e assunto encerrado” (p. 92).

“Comerciantes, industriais, autoridades, pescadores, prostitutas e carcaças de prostitutas misturam-se num rito de igualdade. A rua do Terra e Mar é toda um jardim de flores selváticas, em frente no cabaré, todas as mulheres lideradas por Rita e Thania empunham ramalhetes que atiram ao cortejo. A praia aos poucos torna-se deserta, apenas Edmundo permanece na proa do Filgueiras III a assistir o afastamento moroso da grande multidão” (p. 98).



Figura 21 - Antigo Terra e Mar. Camocim. Fonte: Google Maps.



Figura 22 - Rua Marechal Deodoro, antiga "Rua do Terra e Mar". Camocim.
Fonte: Google Maps.

Roteiro da Procissão de São Pedro -

"Sairá o santo da igreja às três horas da tarde, seguindo pela rua Vinte e Quatro de Maio até o início do bairro Brasília, de lá, seguirá para a praia dos Coqueiros onde terá início a procissão marítima" (p. 92).

"Tem início a procissão marítima. Pela terra frouxa da praia, segue a multidão não cabível nas embarcações. Desviam-se dos destroços do velho trapiche e seguem em rumo ao cais. Cerca de dois quilômetros separam a Praia dos Coqueiros da Praia das Canoas. A multidão dispersa-se com a pressa de chegar ao local do desembarque da imagem" (p. 96-7).



Figura 23 - Procissão de São Pedro em Camocim (2017). Foto: Vando Arcanjo.

Objetivos

Geral

Oportunizar aos alunos o conhecimento do escritor Carlos Cardeal e sua obra "O Terra e Mar" através da leitura do referido romance e de como a literatura pode servir como fonte para o estudo da história local.

Específico

Perceber as transformações do espaço urbano no tempo comparando-se as descrições do romance com o que encontramos na atualidade.

Metodologia de produção e aplicação

Na feitura deste material didático, a ideia inicial foi construir um roteiro histórico de espaços da cidade através das páginas do romance "O Terra e Mar", de Carlos Cardeal, no sentido de mostrar as transformações urbanas que a cidade sofreu desde os anos 1960-70 até a atualidade. Neste sentido, numa leitura inicial foram extraídas as passagens do romance em que estes locais eram descritos, como por exemplo, a Estação Ferroviária, o porto, a Igreja matriz, o Mercado Público, Praça do Amor, o cabaré Terra e Mar, dentre outros. Por outro lado, percebeu-se que o livro pode possibilitar outros roteiros, como por exemplo, na descrição das festas juninas e da procissão de São Pedro, que também podem ser trabalhadas em sala de aula com relação ao patrimônio imaterial, cultura e identidades locais.

Deste modo, pensou-se na elaboração de roteiros pela cidade onde o professor pode traçar o seu, conforme os conteúdos trabalhados em sala de aula. Por exemplo: ao discutir a urbanização, o professor pode utilizar um roteiro que mostre o desenho urbano de Camocim nos anos 1960-1970, tempo em que se desenrola a trama do romance, e confrontar com as transformações sofridas no decorrer dos anos. O roteiro será viabilizado como ação didática numa **aula de campo**.

O material e a ação didática podem ser aplicados desde o Ensino Fundamental II ao Ensino Superior, feitas as devidas adequações quanto ao público-alvo.

Exemplo de Roteiro: Um passeio de Rita e Luiz quando chegam à cidade por via férrea:

1. Estação Ferroviária - 2. Porto - 3. Igreja Matriz - 4. Prefeitura - 5. Margem do Rio Coreau (Balaustrada, Camocim Club - Balneário Sport Club - Praia das Canoas - Cabaré "O Terra e Mar").

Observações:

a) O professor deverá realizar primeiro o percurso para precisar o tempo demandado, assim como as pausas que deverão ser feitas em cada parada.

b) O professor poderá sugerir a leitura do livro antes ou depois da realização da ação, conforme achar mais conveniente.

c) No sentido de entrar no clima do romance, o professor pode caracterizar dois alunos representando os personagens Rita e Luiz e um outro o escritor Carlos Cardeal. O aluno-escritor-ator pode apresentar os locais para os demais alunos. Os alunos-personagens-atores poderão reproduzir as falas e as ações contidas no livro em pequenas esquetes.

d) Ao final do percurso, os alunos poderão realizar pequenas entrevistas com antigos moradores remanescentes na rua onde funcionou o "Terra e Mar" e perceber as transformações sofridas na antiga zona de prostituição da cidade.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Carlos Cardeal de. **O Terra e Mar**. Fortaleza-CE: Fundação Dolores Lustosa, 1988.

BARROS, José D'Assunção. **Cidade e história**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte, Autêntica, 2009.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi, LUCA, Tânia Regina de. (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo, Contexto, 2009, p. 61-91.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). **Fontes históricas**. São Paulo, Contexto, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). **Fontes históricas**. São Paulo, Contexto, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi, LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo, Contexto, 2009.

ANEXO 1

Um roteiro sugerido

1. O casal Luiz e Rita chegam de viagem e descem na Estação Ferroviária. Depois visitam o porto, à direita da Estação.



2. Depois que se instalam na Pensão Uruoca, fazem um passeio pela cidade, visitando a Igreja Matriz e a Prefeitura localizada à frente do templo religioso.



3. Depois vão conhecer o Mercado Público.



4. Do Mercado Público, seguem em direção à beira-mar. Lá, Rita se deslumbra com os clubes sociais da cidade. No Camocim Club, ela sobe na sacada.



5. Seguindo em frente, Luiz e Rita ficam na balaustrada e observam o Balneário Sport Club.



6. O casal segue em direção à Praia das Canoas em busca do cabaré Terra e Mar.



7. Luiz e Rita, na Praia das Canoas, dobram à esquerda e chegam ao destino procurado.



8. O afamado e agitado cabaré da cidade... O Terra e Mar.



Fotos: google maps. 2012.

ANEXO 2

A playlist do romance “O Terra e Mar”

A música e a literatura cada vez mais estão unidas no exercício de ler escrever e hoje em dia, é comum se sugerir várias *playlists* para acompanhar determinado tipo de livro. Por outro lado, há uma tendência atualmente de os livros virem acompanhados da sua própria *playlist*, a partir das situações, das tramas e das próprias indicações do autor na obra.

A paisagem sonora⁸ de Camocim, retratada na obra de Carlos Cardeal, ainda precisará de um estudo mais profundo, visto a riqueza de sonoridades que a trama de “O Terra e Mar” nos traz. No futuro, pretendemos desenvolver uma pesquisa onde os ruídos e sons, não apenas das músicas que embalaram os tempos, ou dos apitos nostálgicos de trens e navios que marcavam o tempo do povo camocinense, sejam tratados como objetos da história “que repercutem na vida individual e social” e possuem “sentido, ocupam espaços de significação, são objetos sociais e podem ser compreendidos como fator de entendimento das sensibilidades, da percepção e das mudanças urbanas ocorridas na cidade [...]”⁹. Por enquanto, fiquemos com as indicações de Carlos Cardeal no romance “O Terra e Mar”, notadamente às referentes ao espaço do cabaré, através do conjunto musical que animava as noitadas naquele recinto e do Sonoros Pinto Martins, uma amplificadora da época que reinou na cidade antes da chegada das emissoras de rádio a Camocim.

8 Entende-se paisagem sonora como: “um conceito com origem na palavra inglesa “soundscape” e que se caracteriza pelo estudo e análise do universo sonoro que nos rodeia. Uma paisagem sonora é composta pelos diferentes sons que compõem um determinado ambiente, sejam esses sons de origem natural, humana, industrial ou tecnológica. O estudo de paisagens sonoras enquadra-se no âmbito da Ecologia Acústica. O conceito teve origem e definiu-se através do grupo de trabalho dirigido por R. Murray Schafer (músico, compositor, ambientalista, professor e investigador). R. Murray Schafer, em conjunto com outros investigadores, como Barry Truax e Hildegard Westerkamp, fundou o *World Forum for Acoustic Ecology*, assim como mais tarde o *World Soundscape Project*. Estes grupos foram responsáveis pela publicação de alguns dos documentos mais relevantes relativos ao estudo de Paisagens Sonoras e Ecologia Acústica. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Paisagem_sonora. Acesso em 27 jun. 2019.

9 Referência ao projeto “Sons da Memória, Memória dos sons: paisagens sonoras de Sobral (1930-1970)”, desenvolvido pelo Prof. Dr. Francisco Dênis Melo, na Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, cuja pesquisa possibilitou a escrita e a apresentação de um Relatório de Pós-Doutorado junto ao Programa Avançado de Cultura Contemporânea – PACC/UFRJ.

1- No dancing do “Terra e Mar”.

“Thania sorria feliz enquanto se dirigia ao dancing ladeada por Luiz. Agora os homens olhavam-na babosos, mas não mais beliscavam o seu traseiro. Ao entrarem no salão, o som estridente de um samba do Nelson Gonçalves desinquietava a todos. Estimulado, Luiz tomou-a pela cintura delgada e saíram a rodopiar exibindo uma destreza rara, enquanto cantavam acompanhando o rouco cantar do conjunto.

*‘Você vai ser minha,
se Deus quiser,
a não ser que Deus castigue
e eu deixe de ser homem
e você deixe de ser mulher.
[...]
Prá lhe conquistar
Você vai ver,
Feitiço eu vou fazer...’* (p. 51).

Onde ouvir:

Vou Fazer Feitiço

Composição de Rutnaldo e Adelino Moreira

Intérprete: Nelson Gonçalves

<https://www.youtube.com/watch?v=IV-PjB9k9Mg>

2 - Música junina.

“De repente, o conjunto começou a tocar uma animada música junina, e tão de repente como viera o som, surgiu por trás de uma cortina uma enfieira de mulheres, Rita puxando pela mão de Thania e era, por sua vez, puxando uma outra formando um longo cordão. Seguras pela mão uma da outra elas formavam no meio do salão unia larga roda e dançavam sozinhas, gritando vivas a São João, fazendo com que os pescadores se levantassem de suas mesas e aplaudissem dando gostosas gargalhadas com o saracoteio das bundas que se mexiam de acordo com ritmo executado” (p. 57).

Onde ouvir:

Melhores Músicas Juninas - Pra São João: <https://www.youtube.com/watch?v=qlK8e3T8Brq>

3 - *Patética e Pastoral*. Beethoven.

“Todo parente de algum falecido temia ouvir outra vez uma ‘Patética’ ou uma ‘Pastoral’ de Beethoven, pois o dia da morte do seu parente já fora suficiente para fazê-lo abusar a música” (p. 151).

Onde ouvir:

Patética: <https://www.youtube.com/watch?v=8LCClcf-CKs>.

Pastoral: <https://www.youtube.com/watch?v=iMJPZ-mu-Ts>

4 - *Prá Frente Brasil*”. Autor: Miguel Gustavo.

“Sendo anúncio de uma partida de futebol, o prefixo seria sempre o popularíssimo “Prá Frente Brasil”. p.152).

Onde ouvir.

Prá Frente Brasil: https://www.youtube.com/watch?v=8_T7ti1T_F0

5 - *A Cavalgada das Valquírias*. Autor: Richard Wagner.

Onde ouvir: <https://www.youtube.com/watch?v=L4YeApbVajs>

6 - *Contos dos Bosques de Viena*. Autor: Johann Strauss.

Onde ouvir: https://www.youtube.com/watch?v=GlhWT_w_kIc

7 - *Vinho, mulheres e canção*. Autor: Johann Strauss.

Onde ouvir: <https://www.youtube.com/watch?v=4ISeL69fLvA>

“Mas sendo um convite de enterro ou missa de sétimo dia, o prefixo escolhido era sempre ‘A Cavalgada das Valquírias’, de Wagner, ou ‘Contos dos Bosques de Viena’, de Strauss; [...] E foi talvez por ser o falecido homem dotado de grande versatilidade e de uma alegria sempre estampada no rosto, que o locutor escolheu para nota fúnebre, naquela ensolarada manhã de julho, a inesquecível: ‘Vinho, mulheres e canção’, que a velha radiadora também apelidada pelos moleques de ‘cachorra’, fazia troar por toda a cidade, ligada no último volume” (p. 152).

Posfácio

Quando o romance “O Terra e Mar” foi lançado há trinta e um anos, eu estava no quarto semestre do Curso de Estudos Sociais na Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. O gosto pela leitura, no entanto, há muito havia sido despertado nas aulas de português da professora Conceição Lúcio, na então Escola de 1º Grau João da Silva Ramos, onde estudei da segunda a sétima séries. Nesta época, ainda garoto imberbe, descobri-me leitor voraz dos clássicos da literatura universal que existiam nas duas bibliotecas que frequentava: a do município e a do Mobral.

Lembro-me do dia do lançamento, ocorrido no Hotel Municipal. Pela primeira vez eu tive um contato com um autor e sua obra simultaneamente. Depois, Carlos Cardeal veio morar em Camocim e nossas relações estreitaram-se nos papos regados a cerveja em seu bar, na Rua da Independência, esquina com a Rua Humaitá. Lá fiquei sabendo dos obstáculos que ele enfrentou para publicar “O Terra e Mar”, assim como das coisas hilárias que ocorreram naquele dia do ano de 1988, que não recordo qual exatamente.

Das histórias que Carlos Cardeal contava (sempre com pitadas de humor escrachado, uma de suas características), a que eu mais gosto é a que mostra a nossa vaidade de ser escritor, do sonho de atingir milhares de leitores, ter várias edições e tiragens da sua obra, nos dias de hoje, ser até celebridade. Dizia Cardeal que aquele dia do lançamento foi muito intenso com os preparativos. À noite, quando saiu de casa, contratou os serviços do saudoso carreteiro “São Jorge” para levar a primeira caixa contendo cerca de quarenta livros, mas com a recomendação expressa para que ele, que tinha experiência no serviço desde os tempos áureos do porto e da ferrovia, não saísse de perto, “que hoje você vai passar a noite toda carregando livros daqui de casa para o hotel!” Na sua ingenuidade de autor de primeiro livro, ainda mais ele sendo o pioneiro na cidade naquele quesito e, pelo volume de convites que fizera, calculara que metade da tiragem venderia naquela noite. Muitos foram e não compraram (só “filaram” o coquetel). Outros compraram, mas deixaram fiado. Conclusão: o “São Jorge” perdeu outros carretos naquela noite na Rodoviária nos

horários dos ônibus vindos de Fortaleza e teve que voltar com a caixa pela metade de livros para casa do escritor.

Aqui vai uma confissão. Quando li pela primeira vez “O Terra e Mar”, logo associei com o estilo empregado por Jorge Amado na maioria de seus livros e pensei: se o escritor baiano tivesse escrito aquela trama, seria sucesso na certa, e com isso consolei certa vez o nosso autor, que não se sentiu à altura da comparação. A história contida no romance me transportou para um passado da cidade que eu não tinha vivido, mas com uma semelhança residual brutal, que era como se estivesse vivendo aquilo, percorrendo os cantos, encantos e antros do lugar, da cultura e da linguagem do seu povo, recuperados com maestria pela pena de Cardeal.

Décadas se passaram e então me vi na condição de historiador, de professor de história e, há algum tempo, procurando cada vez mais me aprofundar nas relações entre História e Literatura. Lembrei-me do impacto que o livro “O Terra e Mar” me causou, mas ele já não existia na minha estante (fruto de algum empréstimo não devolvido). Em algumas bibliotecas da cidade, idem. Então consegui comprar um exemplar pela *internet*, de um sebo do Rio de Janeiro que só tinha uma unidade apenas – pura sorte. Desde então, fiquei pensando em como fazer com que uma nova geração de leitores pudesse ter acesso a este romance genuinamente camocinense.

Uma segunda edição seria o ideal. Após algumas tentativas, consegui junto à Secretaria Municipal da Educação de Camocim que esta edição fosse mais do que uma simples reedição do trabalho de Carlos Cardeal. A ela, vem agregada uma dimensão escolar, que servirá como ferramenta paradidática, isto é, alunos e professores da rede pública de educação de Camocim terão acesso ao material ora publicado nas suas atividades de ensino e aprendizagem.

O Terra e Mar. Roteiros históricos e sentimentais de Camocim na obra de Carlos Cardeal, portanto, mostra a riqueza da obra através dos tempos e o quanto ela foi inspiradora para os autores que a compõem. Além do romance propriamente dito de Carlos Cardeal, agora revisado dos erros tipográficos da primeira edição, traz um trabalho de história sobre a vida das mulheres “que fizeram a vida” na antiga zona do meretrício em Camocim, escrito pela historiadora Petrília Paulinni Sales Fialho, além de um roteiro sentimental pelas ruas e lugares da cidade destacados na obra romanesca de Carlos Cardeal escrito por mim.

Um agradecimento final à Prefeitura Municipal de Camocim, que acolheu e patrocinou a publicação desta proposta editorial, e à família de Carlos Cardeal, que autorizou a reedição de sua obra, atos que possibilitaram, três décadas depois, homenagearmos a memória do nosso grande escritor.

Camocim, junho de 2019, após as festas juninas!

Carlos Augusto Pereira dos Santos

